



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA EM LETRAS

KATYANE BARBOSA DA SILVA

**CHATGPT PARA ENSINAR INGLÊS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA
LITERATURA**

Serra Talhada

2026

KATYANE BARBOSA DA SILVA

**CHATGPT PARA ENSINAR INGLÊS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Inglês da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras Português e Inglês.

Orientador (a): Larissa de Pinho Cavalcanti

Serra Talhada
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Danilo Trindade Barbosa – CRB-4 002285/O

S586c Silva, Katyane Barbosa da.
ChatGPT para ensinar inglês: uma revisão integrativa da literatura / Katyane Barbosa da Silva. – Serra Talhada, 2026.
63 f.

Orientador(a): Larissa de Pinho Cavalcanti.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica Serra Talhada - UAST, Licenciatura em Letras, Serra Talhada, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. ChatGPT (Programa de computador). 2. Língua inglesa - Estudo e ensino. 3. Inteligência artificial. I. Cavalcanti, Larissa de Pinho, orient. II. Título

CDD 410

KATYANE BARBOSA DA SILVA

CHATGPT PARA ENSINAR INGLÊS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em: 18 / 06 /2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Larissa de Pinho Cavalcanti (Orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Bruna Lopes Fernandes (Examinador Interno)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Cybelle Saffa Cunha Pereira Soares (Examinador Interno)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico este trabalho, com todo o meu amor, aos meus pais, que foram minha âncora durante todos esses anos, nunca medindo esforços para que eu tivesse acesso a coisas que eles nunca tiveram. Foi por causa deles, Maria e José, que, sob muito sol, fizeram-me chegar até aqui pela sombra e com água fresca. A vocês, minha sincera gratidão.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus e a Nossa Senhora, que escutaram as minhas orações e não me permitiram desistir e que nos momentos mais difíceis, iluminaram meu caminho com sabedoria, amor e discernimento intercedendo por mim durante toda a minha trajetória acadêmica.

À minha mãe, Maria José, meu grande amor, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos e que, todos os dias, me esperava chegar da faculdade. Nunca dormiu uma única noite antes de eu estar em casa, mesmo quando o ônibus quebrava e eu só chegava perto de uma da manhã. Sua dedicação incansável e seu amor imensurável são os maiores presentes que tenho na vida.

Ao meu pai José Martins, um homem simples, honesto, trabalhador rural que teve que deixar de estudar para trabalhar e ajudar seus pais, foi através do seu suor que consegui chegar até aqui.

Ao meu grupo de colegas da faculdade, agradeço pelo apoio, as palavras de incentivo e pelas conversas, vocês tornaram o processo mais leve.

A minha orientadora Larissa, agradeço por todo o apoio, a paciência, compreensão e ajuda durante a construção deste trabalho. Obrigada por aceitar esse desafio de me orientar, e por nunca ter duvidado da minha capacidade, saiba que és inspiração pra mim.

Concluo essa etapa com o coração transbordando de gratidão, terminar a graduação em letras significa mais que uma conquista, representa resiliência, e superação. “Para que todos vejam, e saibam e considerem e juntamente entendam que a mão do Senhor que fez isso.” (Isaias 41:20).

O professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos (Freire; Horton, 2003).

RESUMO

Apesar da popularização das ferramentas de Inteligência Artificial, principalmente para fins educacionais, notou-se a escassez de dados de pesquisa sobre a relação entre IA, ChatGPT e ensino de língua inglesa no Brasil. Por isso, o objetivo principal da pesquisa foi realizar um estudo qualitativo, exploratório, bibliográfico do tipo revisão de literatura acerca do uso de ChatGPT no ensino de língua inglesa. De modo específico, a pesquisa buscou definir inteligência artificial e caracterizar o ChatGPT a partir de sua evolução e modelos; discutir a relação de IAs e educação; apresentar marcos legais sobre uso de tecnologias na educação nacional e apresentar pontos da Base Nacional Comum Curricular que permitam o trabalho com IAs/ChatGPT para ensino de língua inglesa. A pesquisa está embasada nos estudos de Gomes (2010), Sichman (2021), Ramos e Faria (2024) sobre Inteligência Artificial; de Silva e Vicentin (2024) Kapuściński (2024) e Marr (2023) sobre o ChatGPT; de Mendes, Bastos e Lopes (2024), Camada e Durães (2020), Ferreira (2024) e Castello et al. (2025) sobre a relação IA e educação. Para seleção do corpus, foram selecionados artigos disponibilizados em plataformas de periódicos, como o Portal de Periódicos da CAPES e o SCIELO, bem como buscadores que fazem uso de inteligência artificial, como o Google Acadêmico e as plataformas *Semantic Scholar* e *Researcher Rabbit*. A pesquisa foi realizada através das palavras-chaves “chatGPT”, “ensino” e “língua inglesa”, para artigos publicados apenas em língua portuguesa no recorte temporal de 2023 a 2025. Foram encontrados oito artigos à luz das perguntas: qual caracterização do ChatGPT e qual uso do ChatGPT proposto pelo artigo. Os resultados mostraram que o ChatGPT vem sendo discutido como uma ferramenta promissora para o ensino da língua inglesa e mostram que a ferramenta de IA proporciona práticas pedagógicas personalizada, o que torna a aula mais interativa, além de contribuir para o desenvolvimento da oralidade, escrita e ampliações de vocabulário. No entanto, além das questões de equidade com quem não tem acesso às tecnologias digitais, os resultados enfatizam que os usuários precisam aprender a usar a ferramenta de maneira ética e crítica.

Palavras-chave: ChatGPT, ensino, inteligência artificial, língua inglesa.

ABSTRACT

Despite the popularization of Artificial Intelligence tools, especially for educational purposes, a scarcity of research data on the relationship between AI, ChatGPT, and English language teaching in Brazil was noted. Therefore, the main objective of this research was to conduct a qualitative, exploratory, bibliographic study of the literature review type on the use of ChatGPT in English language teaching. Specifically, the research sought to define artificial intelligence and characterize ChatGPT based on its evolution and models; discuss the relationship between AI and education; present legal frameworks on the use of technologies in national education; and present points of the National Common Curricular Base that allow working with AI/ChatGPT for English language teaching. To that end, the research relied on the studies by Gomes (2010), Sichman (2021), Ramos and Feria (2024) on Artificial Intelligence; by Silva and Vicentin (2024), Kapuściński (2024) and Marr (2023) on ChatGPT; by Mendes, Bastos and Lopes (2024), Camada and Durães (2020), Ferreira (2024) and Castello et al. (2025) on the relationship between AI and education. For corpus selection, articles available on journal platforms, such as the CAPES Journal Portal and SCIELO, as well as search engines that use artificial intelligence, such as Google Scholar and the Semantic Scholar and Researcher Rabbit platforms, were selected. The research was conducted using the keywords "chatGPT," "teaching," and "English language," for articles published only in Portuguese within the time frame of 2023 to 2025. Nine articles were found in response to the questions: what is the characterization of ChatGPT and what use of ChatGPT is proposed by the article? The results showed that ChatGPT is being discussed as a promising tool for teaching English and that the AI tools provide personalized pedagogical practices, making the classroom more interactive, and contributing to the development of oral and written skills and vocabulary expansion. However, in addition to equity issues for those who do not have access to digital technologies, the studies emphasize that users need to learn to use the tool ethically and critically.

Keywords: artificial intelligence, ChatGPT, English, teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: ATÉ CHEGAR AO CHATGPT	13
3 IA E EDUCAÇÃO: O CASO PARTICULAR DO BRASIL	25
4 METODOLOGIA.....	37
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa aborda o uso do ChatGPT nas aulas de língua inglesa. A inteligência Artificial é o campo da ciência que desenvolve sistemas capazes de realizar tarefas humanas, bem como raciocínio lógico, aprendizagem, linguagem natural e reconhecer padrões. A IA passou por diferentes fases de desenvolvimento até ser o que é hoje, e cada dia está mais inserida no cotidiano da sociedade, e sendo usadas em diversas áreas, nesse cenário é fundamental entender a sua relevância para o meio educacional.

Atualmente, o ChatGPT é a ferramenta com maior popularização, desenvolvido pela empresa OpenAI, segundo Silva e Vicentin (2024) ele é definido com um *chatbot*, essa ferramenta de IA faz parte dos *Large Language Models* e do modelo *Generative Pre-trained Transformer*. O objetivo dessa ferramenta de IA é a geração de texto através interações feita com o usuário, desde o seu lançamento em 2022 até a versão atual, o ChatGPT passou por diversas atualizações, atendendo as demandas do seu público.

Atualmente, no Brasil o uso de Inteligência Artificial no contexto educacional vem gerando grandes debates, com os avanços tecnológicos as tecnologias estão cada vez mais incorporadas na sociedade contemporânea. Documentos educacionais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reforça a importância de desenvolver o aluno para investigar e refletir criticamente, inserir IA no meio educacional, além de promover praticas educacionais personalizadas, prepara os estudantes para o futuro.

Observando a popularização das ferramentas de Inteligência Artificial e as questões emergentes em contextos escolares, julgamos importante investigar a relação entre IA, ChatGPT e o ensino-aprendizagem de língua inglesa, sabendo que já existe vasta produção acadêmica sobre a relação fora do país, e dados emergentes no Brasil. Por isso, o objetivo da pesquisa foi fazer levantamento de pesquisas sobre o uso de ChatGPT no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa. De modo específico, nossa investigação se propôs a definir inteligência artificial; descrever o ChatGPT, sua evolução e modelos; discutir a relação entre as IAs, em particular o ChatGPT e a educação no Brasil. Foram perguntas norteadoras da pesquisa: O que é ChatGPT? O ChatGPT é usado no processo de ensino-aprendizagem de

língua inglesa? Como se dá o uso do ChatGPT para ensino de língua inglesa no Brasil?

O estudo teórico de natureza qualitativa do tipo revisão de literatura (Mattos, 2015; Flor et al., 2021) foi realizado por meio da pesquisa com as palavras-chave “ChatGPT”, “Ensino”, “inteligência artificial”, “língua Inglesa” ou “Inglês e nas plataformas Google Acadêmico, *Semantic Scholar* e *Research Rabbit*. Foram selecionados oito artigos, analisados à luz das perguntas, “O ChatGPT está usado no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa?” e “O que se diz sobre o ChatGPT, é positivo ou negativo?”.

Essa monografia está dividida em quatro seções além desta introdução: Inteligência Artificial: Até Chegar Ao ChatGPT, em que se faz uma definição de IA e os seus tipos, e apresenta o ChatGPT e suas evoluções até os dias atuais; IAs e a Educação: o caso particular do Brasil, em que se discute a relação entre IA na educação, as vantagens e desvantagens, apresenta os marcos legais sobre o uso de tecnologias na educação do Brasil e apresenta as ressalvas na Base Nacional Comum Curricular que permitam o uso de IAs/ChatGPT para o ensino da língua inglesa; Metodologia, em que apresentamos o percurso metodológico e a construção dos dados da pesquisa; Análise e Discussão, em que os dados dos artigos selecionados são apresentados e discutidos; na sequência apresentamos as considerações finais e as referências.

2 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: ATÉ CHEGAR AO CHATGPT

O objetivo deste capítulo é apresentar a definição de Inteligência Artificial e seus tipos bem como de ChatGPT e suas versões. A Inteligência Artificial (doravante IA) é o campo da ciência que estuda sistemas que foram desenvolvidos para realizar tarefas que eram realizadas pela inteligência humana, bem como sistemas que empregam raciocínio, aprendizagem, linguagem natural e reconhecimento de padrões. O termo IA é mais antigo do que se pensa, ele foi criado em 1955 por John McCarthy, um dos fundadores dessa área. Na fase inicial, os pesquisadores tentavam criar sistemas para simular a inteligência humana, mas devido às tecnologias limitadas, os resultados também eram.

Dennis dos Santos Gomes (2010) apresenta, em seu artigo, “Inteligência Artificial: Conceitos e Aplicações” quatro linhas de pensamentos para definir o que é IA. A primeira delas considera que a IA pensa como seres humanos, e buscam criar máquinas como mente (Haugeland, 1985 apud). Já a segunda diz que a IA atua como ser humano, ou seja, máquinas que executam funções que exigem inteligência quando executadas por pessoas (Kurzweil, 1990 apud). A terceira compreende, fundamentando-se em modelos lógicos computacionais que simulam a racionalidade humana (Charniak; Mcdermott, 1985 apud). E na quarta e última, tem a IA como sistemas que atuam racionalmente, ou seja, tomam decisões através de dados disponíveis (Poole et al., 1998 apud). Essas quatro perspectivas nos ajudam a entender a IA pela sua forma de pensar e seu comportamento, e raciocínio.

A primeira fase da IA definida por “geração da IA” ocorreu entre os anos de 1943 e 1955, com o modelo de neurônios artificiais, trabalho feito por Warren McCulloch e Walter Pitts (1943), Dennis cita:

Esses pesquisadores sugeriram um modelo de neurônios artificiais, no qual, cada neurônio era caracterizado por “ligado” ou “desligado”, desse modo, o estado de um neurônio era analisado como, “equivalente em termos concretos a uma proposição que definia seu estímulo adequado (Russell; Norvig, 2004 apud Gomes, 2010 p. 3).

Dennis Gomes dos Santos também cita o artigo “Computing Machinery and Intelligence” (1950) de Alan Turing, foi outro marco significativo na história da IA, pois ele propôs o Teste Turing, no qual o computador passaria pelo teste de exibir um comportamento indistinguível de um humano em uma conversa. Ainda na década 1950, ocorreu a famosa Conferência de Dartmouth nos EUA em 1950, grandes cientistas como John McCarthy, Marvin Minsky e Claude Shannon consolidaram a IA, considerado assim o marco oficial de fundação da área (Barbosa; Bezerra, 2020).

Durante as próximas décadas, a IA foi passando por várias fases de decepções e entusiasmo. Entre os anos de 1960 e 1970, foi criado o programa DENDRAL, um dos primeiros sistemas inteligentes da época. Esses sistemas foram conhecidos como sistemas inteligentes pois simulavam o raciocínio humano em áreas específicas:

O DENDRAL teve sua importância para o desenvolvimento de programas inteligentes, porque representou o primeiro sistema bem-sucedido de conhecimento intensivo: sua habilidade derivava de um grande número de regras de propósito específico (Russell; Norvig, 2004, apud Gomes, 2010 p. 5).

Nos de 1980, a IA se tornou uma indústria e várias grandes empresas começaram a investir no ramo da IA com sistemas comerciais, como a “Digital Equipment Corporation” (DEC). E com esse avanço a IA começa a evoluir em larga escala.

O primeiro sistema especialista comercial bem-sucedido, o R1, iniciou sua operação na Digital Equipment Corporation (DEC). O programa contribuiu para configurar pedidos de novos sistemas de computador; em 1986, ele já fazia a empresa faturar cerca de 40 milhões de dólares por ano. Em 1988, o grupo de IA da DEC já possuía 40 sistemas especialistas entregues, com outros sendo produzidos (Charniak; Mcdermott, 1985). A Du Pont tinha 100 desses sistemas em uso e 500 em desenvolvimento, economizando aproximadamente 10 milhões de dólares por ano. Quase todos os conglomerados importantes dos Estados Unidos possuíam seu próprio grupo de IA e estavam usando ou investigando sistemas especialistas (Gomes, 2010, p. 5).

Gomes (2010) afirma também que a IA está relacionada à psicologia, biologia, lógica matemática, linguística, engenharia, filosofia, entre outras áreas científicas e se divide em diversas áreas de aplicação como sistemas

especialistas, robótica, sistemas visuais e processamento de linguagem natural. Os sistemas especialistas foram desenvolvidos para resolver problemas específicos desde que devidamente orientado e alimentado.

É uma forma de sistema baseado no conhecimento e foi especialmente projetado para emular a especialização humana de algum domínio específico. Este sistema foi construído por uma base de conhecimento formada de fatos, regras e heurísticas sobre o domínio, tal como um especialista humano faria, e deve ser capaz de oferecer sugestões e conselhos aos usuários e, também, adquirir novos conhecimentos e heurísticas com essa interação (Barone, 2003, apud Gomes, 2010, p. 7).

Já a área da robótica abrange a criação de máquinas capazes de realizar ações físicas que seriam realizadas pelos humanos, desde pernas, braços e atualmente humanoides.

A maior parte de robôs atuais se enquadra em três tipos de categorias: manipuladores, móveis e híbridos. Os manipuladores, ou braços robôs, estão fisicamente ancorados (ou fixos) ao seu local de trabalho, como por exemplo os robôs de linha industrial. O movimento do manipulador em geral envolve uma cadeia inteira de circulações controláveis, permitindo que esses robôs coloquem seus efetadores em qualquer posição dentro do local de trabalho. Os manipuladores são a maioria, quando se trata de robôs, existem mais de um milhão de unidades instaladas em todo o mundo e sua utilização está focada no ramo industrial (Russell; Norvig, 2004, apud Gomes, 2010, p. 7-8).

Os sistemas visuais envolvem a capacidade dos computadores de capturar e armazenar imagens visuais, como por exemplo o face id do iphone e as tecnologias envolvendo biometria. Segundo Stairs e Reynolds (2006),

O Departamento de Justiça dos Estados Unidos usa sistemas de visão para identificação de impressões digitais. A velocidade que o sistema percorre a base de dados para encontrar impressões digitais trouxe soluções rápidas para casos antigos. (Gomes, 2010, p. 9)

E por fim, o Processamento de Linguagem Natural, que permite que as IAs compreendam, interpretem e respondam a linguagem humana, é usado em

assistentes virtuais e sistema de voz, tecnologia essencial para ferramentas como o ChatGPT. Para Stairs e Reynolds (2006),

Existem três níveis para o reconhecimento: comandos (reconhece de dezenas a centenas de palavras), discreto (reconhece fala ditada e com pausas entre as palavras) e contínuo (reconhece a fala natural). Este processamento de linguagem natural pode ser usado para recuperar informações sem digitar comandos ou procurar palavras-chave. Pode-se falar em um microfone conectado ao computador e o computador converte a fala em arquivos de textos ou comandos. Os sistemas simples conseguem associar uma palavra digitada a uma palavra falada pelo microfone, sistemas mais avançados não precisam gravar as palavras (Gomes, 2010, p.10).

O artigo “Inteligência Artificial e Sociedade: Avanços e Riscos” de Jaime Simão Sichman (2021) expõe uma reflexão integral sobre os impactos, e desafios éticos da Inteligência Artificial (IA) nos dias atuais. O autor comenta que a IA viveu várias fases, algumas certamente entusiasmantes e algumas de frustração, havendo assim um período chamado de inverno da IA.

Desse modo, a oscilação de humor em relação à área assemelha-se a uma curva senoidal, havendo períodos de grande entusiasmo e grande financiamento (como ocorre agora) seguidos por outros de decepção e recursos escassos. Estes últimos são conhecidos como AI Winter (Inverno da IA), como foram por exemplo os períodos entre 1975/1980 e 1987/1993 (Sichman, 2021, p.1).

Mesmo em seu inverno, os desenvolvedores ainda criaram a ELIZA, o primeiro chatbot que simulava uma conversa humana. Na década de 1990, o interesse em IA ressurgiu, mas o foco passou do raciocínio lógico para o aprendizado de máquina (“machine learning”), ou seja, ensinar máquinas a aprender com exemplos.

Sichman comenta em seu artigo a noção de Inteligência Artificial Responsável, assunto desenvolvido por Virginia Dignum (2019), envolvendo três instâncias distintas. No processo dos projetos, a Inteligência Artificial Responsável garante que as equipes de desenvolvimento compreendam os possíveis riscos para a sociedade. Já no projeto de comportamento, ela visa o raciocínio ético da IA, ou seja, evita fornecer informações incoerentes.

Outrossim, no código de conduta, a Inteligência Artificial Responsável foca nos profissionais envolvidos, pois, assim como os médicos ou professores têm seus códigos éticos que devem cumprir, os desenvolvedores devem seguir um padrão semelhante.

Virginia Dignum (2019) também propõe uma abordagem chamada ART of IA¹, que garante valores humanos e princípios éticos, essa abordagem é composta por três pilares; Prestação de contas, refere-se à necessidade do sistema de justificar suas ações para usuários e parceiros interessados. Responsabilidade refere-se ao papel dos usuários dos sistemas de serem capazes de detectar erros nas repostas fornecidas. Transparência refere-se a descrever os mecanismos internos da IA incluindo como tomam decisões, aprendem e se adaptam.

Jaime Simão Sichman, também aborda o tema IA explicável, que visa criar sistemas que permitem aos usuários explicações e decisões do sistema, o que torna o processo de aprendizado mais compreensível, evitando o termo “caixa-preta”, que é quando os parâmetros são internos e pouco entendido pelos seus usuários. Sichman (2021) também menciona o “AI for Social Good workshop” um evento ocorrido em Macau na China, que teve como objetivo discutir como a IA pode ser usada para contribuir, como por exemplo resolver problemas sociais. Já o “Responsible Artificial Intelligence Agents workshop” (Raia, 2019), realizado em Montreal, Canadá (2019), reuniu pesquisadores de IA de várias áreas que desejavam usá-la de forma produtiva, como por exemplo ser usado para desenvolver projetos para a ONU.

Sichman (2021) faz, ainda, uma alerta aos riscos do uso inapropriado da Inteligências Artificial detectados por Thomas Dietterich e Eric Horvitz (2015) e classificados em cinco categorias, as falhas (“bugs”) assim como qualquer sistema de software, a IA também pode apresentar falhas; a segurança (“cyber security”) os sistemas de IA podem sofrer ataques e serem alterados assim como qualquer outro; o aprendiz de feiticeiro (“sorcerer’s apprentice”) a IA deve tentar identificar a intenção por traz do comando, o sistema deve avaliar se é uma ordem intencional ou um erro dependendo do contexto; a autonomia

¹ ART é um acrônimo em inglês que envolve as palavras accountability, responsibility e transparency.

compartilhada (Shared autonomy) construir esses sistemas é difícil pois exige um nível de fluidez, engajamento e clareza, onde o controle deve mudar de uma pessoa para outra rapidamente. E Impactos socioeconômicos, entender como o revolucionamento da IA impacta na sociedade e na economia, já que cria uma dinâmica onde a eficiência pode levar a desigualdades.

Mais recentemente, com o avanço das redes neurais profundas (“deep learning”), a IA se tornou parte do cotidiano com o reconhecimento facial, tradutores automáticos, assistentes virtuais, carros autônomos. A partir de 2020, com o boom das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação, após a pandemia, surgiram as IAs generativas capazes de criar textos, imagens, músicas e vídeos com alta qualidade como GPT, DALL·E, Midjourney, Claude e Gemini.

Atualmente, podemos distinguir tipos de IA diferentes de acordo com a sua capacidade de replicar a inteligência humana. Inara Mesquita Ramos e Caio Veiga Faria (2024) afirmam que a IA é dividida em três principais categorias: Inteligência Artificial Limitada (ANI), Inteligência Artificial Geral (AGI) e Superinteligência (ASI), e esses níveis de tipologia aumentam de acordo com a sua capacidade de executar funções semelhantes às humanas.

A Inteligência Artificial Limitada (ANI), é considerada a “mais fraca” em relação as outras, ela foi projetada para executar tarefas específicas e delimitadas. Ela armazena grande quantidade de dados, e realiza tarefas apenas para qual foram programadas. Dentro dessa tipologia, ainda temos dois subtipos as máquinas reativas, sendo o tipo mais antigo de IA, que apenas respondem a estímulo sem memória ou experiência. E as máquinas de memória limitada, que armazenam dados e utilizam esses dados para tomar decisões, essa categoria está presente na maioria dos aplicativos existentes, como as recomendações da Netflix, e em *chatbots* como o ChatGPT.

Outrossim a Inteligência Artificial Geral (AGI) que é conhecida como “IA forte” ou “nível humano” por conseguir executar tarefas semelhantes aos seres humanos. Essa tipologia também se divide em dois subtipos: as máquinas conscientes, que compreende os estímulos que recebe processa a informação e as máquinas autoconscientes que consciência de tudo ao seu redor, do mundo e de si mesma, podendo processar estímulos externos e internos.

E por último a Inteligência Artificial Geral (AGI), que representa a tipologia mais avançada que temos atualmente, ultrapassando até a capacidade de inteligência humana, além de armazenar dados e processá-los, ela pode realizar tarefas que hoje são impossíveis na capacidade humana, Ramos e Faria (2024) afirma que logo, ele poderá revolucionar a forma como vemos e entendemos o mundo.

Complementando essa perspectiva, Betz (2025) propõe mais quatro tipos de tipologias adicionais: máquinas reativas (“Reactive Machines”), que respondem apenas a estímulos imediatos; IA de memória limitada (“Limited Memory”), que utiliza dados passados para aperfeiçoar decisões; IA com teoria da mente (“Theory of Mind”), ainda em desenvolvimento, que busca compreender emoções e intenções humanas; e IA autoconsciente (“Self-Aware AI”), considerada puramente hipotética, caracterizada por possuir consciência de si mesma e do ambiente, assim afirma Betz (2025).

Dessa forma, a Inteligência Artificial passou a fazer parte da sociedade na qual estamos inseridos, alcançando sucesso devido ao barateamento nos custos, inovação do mercado global e impacto econômico. No entanto, todo esse sucesso traz responsabilidades, como questões de privacidade, justiça e segurança, fazendo-se assim necessário que os órgãos governamentais garantam um benefício mútuo. Sichman (2021) retoma o pensamento de Norbert Wiener (1960), quem afirma que: “Se usarmos, para atingir nossos objetivos, um órgão mecânico em cujo funcionamento não podemos interferir de forma eficaz ... é melhor estarmos bem certos de que o propósito colocado na máquina é aquele que realmente desejamos”. Isso nos faz refletir sobre o uso da IA com responsabilidade para evitar consequências não intencionais e intencionalmente danosas para as sociedades.

Nesse sentido, nós voltamos a um tipo de IA que ficou bastante popular após a pandemia: o ChatGPT. Segundo Silva e Vicentin (2024) em sua revisão bibliográfica, o ChatGPT foi desenvolvido pela empresa OpenAI, baseado em inteligência artificial e definido como um *chatbot*. O programa faz parte do grupo dos *Large Language Models*, mais especificamente o modelo *Generative Pre-trained Transformer*, ou GPT. De acordo com Silva e Vicentin (2024):

Seu objetivo principal é a geração de texto, que é feita a partir de interações com o usuário, numa espécie de conversa, em que ele responde aos prompts (perguntas, instruções, ordens, comandos etc.) que são sucessivamente inseridos. O funcionamento do ChatGPT deixa a impressão de que o “robô” possui bom entendimento semântico e sua capacidade de escrita se aproxima à humana, tudo graças à enorme base de dados em que foi pré-treinado. Foi lançado no final de 2022 e se tornou uma das plataformas com o crescimento mais rápido da história, conquistando 1 milhão de usuários em 5 dias (HU, 2023).

Logo nos seus primeiros meses de testes a ferramenta se saiu muito bem ao cumprir seus objetivos propostos, principalmente por seu grande banco de dados, superando até modelos de Inteligência Artificial mais antigos, como as assistentes pessoais como a Siri da Apple e a Alexa da Amazon. Em um apanhado da história do ChatGPT, Marr (2023) cita que o primeiro modelo, o GPT-1, apresentado em junho de 2018, foi essencial para o que conhecemos hoje, mostrando que a máquina podia aprender sozinha. Essa primeira versão, criou o “esqueleto” para as próximas versões e possibilitou modelos mais inteligentes que surgiram depois. O GPT-1 demonstrou o poder do aprendizado não supervisionado em tarefas de compreensão de linguagem, usando livros como dados de treinamento para prever a próxima palavra em uma frase (Marr 2023).

De acordo com Kapuściński (2024), eram características do GPT-1: a capacidade de gerar textos coerentes ao compreender o contexto da entrada e o pré-treinamento em um conjunto de dados diversificado, ajustado para tarefas específicas, aumentando sua versatilidade. Embora revolucionário, o desempenho do GPT-1 não era robusto o suficiente para muitas aplicações práticas, tendo assim capacidade limitada de gerar e compreender textos complexos.

Já o GPT-2, lançado em fevereiro 2019, representou um grande salto com sua capacidade avançada de geração textual. Tendo 1,5 bilhão de parâmetros, esse modelo foi capaz de produzir textos longos e coerentes se aproximando da capacidade humana. Devido a preocupações de como e onde seria usado (criação de notícias falsas ou conteúdo enganoso), segundo o artigo Uma breve história do ChatGPT: como chegamos onde estamos hoje, escrito por Bernard Marr (2023) a OpenIA restringiu o acesso a esse modelo,

liberando ao público após estudos para suavizar os riscos em potencial, em novembro de 2019.

O GPT-3, lançado em junho de 2020, consistiu em uma ampliação ainda maior com cerca de 175 bilhões de parâmetros, sendo o mais avançado de sua época, concedendo maior fluidez e compreensão em tarefas complexas e em geração de textos e até mesmo traduzir entre idiomas. Segundo Marr (2023) foi com o GPT-3 que as pessoas tiveram a oportunidade de interagir diretamente com o ChatGPT, fazer perguntas e receber respostas abrangentes e práticas. Quando as pessoas puderam interagir diretamente com o modelo de aprendizagem online dessa forma, ficou claro o impacto dessa tecnologia.

O ChatGPT no modelo GPT-3, então, era capaz de realizar atividades como escrita de textos, explicações conceituais, traduções, resumos e revisões, o que explica sua popularização rápida e a sua adesão em contextos profissionais, pessoais e acadêmicos. Todavia, o modelo apresenta como limitação relevante a falta de acesso direto à internet para obter informações ou atualizações em tempo real.

Com o contínuo desenvolvimento do ChatGPT, em 2023, foi lançado o GPT-4, sendo uma versão ainda mais poderosa, ampliando a capacidade de interação com o usuário, maior precisão, a capacidade de se alternar de acordo com o humor do usuário e melhor comportamento ético e seguro. O GPT-4 é um modelo de inteligência artificial que consegue resolver problemas e criar textos de maneira mais rápida e eficiente do que os modelos anteriores. Lançado em 2023 para substituir o modelo anterior, o software consegue analisar dados, criar textos criativos e conversar casualmente de forma ainda mais natural e fluida. Além do GPT-4, a OpenAI também lançou o GPT-4 Turbo, que tem a mesma capacidade de raciocínio, mas é ainda mais veloz (Villarinho, 2024). Já em maio de 2024, foi lançado o GPT-4º, que representa o mais recente avanço nos modelos de linguagem da OpenAI, aprimorando os pontos fortes de seus antecessores e introduzindo diversos recursos inovadores. O modelo se destaca em tarefas de escrita criativa, gerando conteúdo mais coerente e imaginativo.

Em agosto de 2025, foi lançado o GPT-5, disponível para todos os 700 milhões de usuários do ChatGPT, incluindo os de acesso gratuito, o GPT-5 foi projetado para ser mais capaz em diversas tarefas complexas. Uma das

melhorias mais notáveis do GPT-5 é a sua confiabilidade e precisão aprimoradas, apresentando menor propensão a "alucinações" (respostas erradas) e a fingir conhecimento, tornando-o o modelo mais preciso e confiável já desenvolvido. De acordo com a própria OpenAI (2025):

O GPT-5 é um sistema unificado com um **modelo inteligente e eficiente** que responde mais perguntas, um **modelo com maior capacidade de reflexão** (pensamento do GPT-5) para problemas mais difíceis, um **direcionador em tempo real** que decide rapidamente o que usar com base no tipo e na complexidade da conversa, nas ferramentas necessárias e na intenção explícita do usuário (por exemplo, se você disser «pense bastante nisso» no prompt). O direcionador é treinado continuamente em sinais concretos, incluindo quando os usuários trocam de modelo, as taxas de preferência de respostas e a correção medida, com melhora ao longo do tempo. Quando os limites de uso são atingidos, uma versão mini de cada modelo lidar com as perguntas remanescentes. Em um futuro próximo, planejamos integrar esses recursos em um único modelo. (grifos do autor)

O que se observa, portanto, na história da tecnologia GPT é que há uma transição de modelos criados para uso exclusivo de pesquisadores, e desenvolvedores, como o GPT-1 e GPT-2, que fomentavam debates sobre o potencial das máquinas de equivalerem à performance humana, para os modelos de amplo uso na sociedade (a partir do GPT-3), suscitando o debate sobre autoria, plágio, veracidade das informações geradas, regulação e governança, bem como sobre o impacto ambiental devido ao alto consumo de energia e água pelos *data centers*. Um resumo das ideias acima está sistematizado no Quadro 1, abaixo, gerado pela própria ferramenta do ChatGPT.

Quadro 1 Comparativo: GPT-1 ao GPT-5

Geração	Ano de lançamento	Capacidades principais	Limitações principais
GPT-1	2018	🧠 Introduziu a ideia de pré-treinamento generativo; capaz de gerar texto simples coerente.	⊖ Muito limitada em compreensão profunda; performance fraca em tarefas complexas.
GPT-2	2019	Texto mais coerente e fluido; maior tamanho de contexto; gerou grande impacto na geração de texto. (Artificial Intelligence Wiki)	⚠️ Ainda limitado em raciocínio; pode se confundir com instruções complexas.
GPT-3	2020	🏠 Grande salto em capacidade: 175B parâmetros, desempenho forte em tradução, respostas e criação de texto, “few-shot learning” sem ajuste fino. (Artificial Intelligence Wiki)	😞 Contexto limitado comparado a modelos posteriores; mais probabilidade de erro ou “alucinação” factual.
GPT-4	2023	☑️ Melhor raciocínio, compreensão contextual e confiabilidade; multimodal (texto + imagens em algumas versões); janelas de contexto maiores. (Artificial Intelligence Wiki)	⚡ Ainda pode gerar respostas incorretas; custos computacionais altos; limitações de factualidade em áreas especializadas.
GPT-5	2025	🧑🏻 Raciocínio mais avançado, incluindo execução de tarefas “agent-like” e melhor desempenho em domínios variados; ganhos em precisão em benchmarks como BioNLP e diagnósticos. (arXiv)	⚠️ Resultados mistos em certas métricas de performance (em alguns testes fica atrás de versões especializadas ou concorrentes), maior consumo de energia e potenciais redundâncias em código e texto. (WIRED)

Fonte: Gerado com IA (2026)

Nesse cenário, Silva e Vicentin (2024) analisaram os impactos e as potências do ChatGPT em contextos acadêmicos. Suas considerações envolvem três grupos de estudos: o primeiro grupo envolve pesquisas que buscam antecipar os impactos causados pelo uso do ChatGPT em áreas específicas de conhecimento, avaliando tanto a qualidade das respostas que ele proporciona, quanto suas prever como a arquitetura dos LLMs mudará a estrutura das profissões no futuro; o segundo grupo, reúne estudos onde o ChatGPT foi usado em experimentos práticos; e o terceiro grupo concentra

estudos que discutem questões éticas, sociais e políticas relacionadas ao uso do ChatGPT.

O primeiro grupo, reúne pesquisas que se preocupam com a antecipação dos impactos do ChatGPT em áreas específicas de conhecimento. Em alguns artigos os autores fizeram perguntas diretamente e avaliaram a qualidade das respostas fornecidas e quais seriam suas possíveis contribuições para sistematização de um conhecimento específico. Já outros artigos antecipam de que modo os *Large Language Models* poderão participar de profissões no futuro.

O segundo grupo se concentra em artigos baseados em experimentos com o ChatGPT concreto, como analisar códigos, detecção de falhas de segurança e apoio a programação, reforçando assim o uso dos LLMs para além do campo acadêmico.

E por fim, o terceiro grupo, reúne artigos que estudam dilemas éticos, sociais e políticos com o uso do ChatGPT. Os estudos se preocupam no aumento nos textos acadêmicos gerados por IA, a baixa confiabilidade nas ferramentas de detecção, e a possibilidade de burlar os detectores.

Silva e Vicentin (2024) destacam que o uso do ChatGPT tem gerado grandes preocupações. Essa tecnologia vem sendo usada em grande escala em produções científicas e acadêmicas, o que tem gerado dificuldades de detectar se foi produzido por IA ou não, colocando em xeque a ética, autoria e o uso responsável dessa tecnologia no ensino. Na próxima seção, nós voltamos a entender como essas tecnologias têm sido debatidas nos marcos legais educacionais brasileiros.

3 IA E EDUCAÇÃO: O CASO PARTICULAR DO BRASIL

No capítulo anterior discurrimos sobre a história das IAs e o caso particular do ChatGPT. Para este capítulo, discutiremos a relação entre educação e IAs especificamente no cenário brasileiro. Antes de qualquer coisa, é importante destacar que o uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (doravante TDICs) na Educação no Brasil geram grandes debates. No mundo todo, assim como no Brasil, já existem legislações que proíbem ou restringem as tecnologias digitais nas escolas, com argumentos sobre as distrações causadas pelos dispositivos, e problemas relacionados a saúde e o tempo de tela excessivo.

Entretanto é importante considerar que essas proibições vão contra inovações do mundo contemporâneo. As tecnologias digitais estão cada vez mais sendo inseridas na sociedade em que vivemos, ignorar isso seria um retrocesso com as transformações do mundo contemporâneo. A escola deve mediar o uso das tecnologias de maneira pedagógica e crítica, logo, é fundamental compreender os desafios e as possibilidades, a fim de preparar os estudantes para a vida profissional.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei 14.533/23, que estabelece a Política Nacional de Educação Digital com o objetivo de promover inclusão digital, capacitação e especialização digital e educação digital escolar. Essa lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) integrando a educação digital como componente curricular obrigatório no Ensino Fundamental e Ensino Médio. Torna-se, então, crucial acatar uma abordagem ética em relação ao uso das TDIC em sala de aula.

O desenvolvimento de leis e políticas públicas voltadas as tecnologias no contexto brasileiro foi analisado por Mendes, Bastos e Lopes (2024), quando afirmam que, em 1984, nasceram as primeiras iniciativas voltadas ao uso das tecnologias na educação a partir o Projeto EDUCOM², tais como o Projeto Formar (1987), Proninfe (1989) e Proinfo (1997)³. Os Parâmetros Curriculares Nacionais,

² Pioneiro no Brasil a introduzir a informática na educação pública.

³ O Formar tinha foco principal em educadores e a implantação de informática na educação. O Proninfe foi instituído pelo MEC e etapa fundamental na implementação de computadores na escola pública. O ProInfo, promoveu a instalação de laboratórios de informática nas escolas.

publicados em 1998 para orientar o ensino nas escolas, já abordavam o uso de computadores enquanto recurso pedagógico, de forma bastante assertiva:

A incorporação de computadores no ensino não deve ser apenas a informatização dos processos de ensino já existentes, pois não se trata de aula com “efeitos especiais”. O computador permite criar ambientes de aprendizagem que fazem surgir novas formas de pensar e aprender [...] (Brasil, 1998, p. 147).

Posteriormente, o Plano Nacional da Educação (2014-2024), documento que definiu metas e diretrizes para a educação no Brasil, ampliou a discussão sobre o uso de tecnologias na educação ao enfatizar a importância do uso das tecnologias e de práticas inovadoras no ambiente escolar – o que foi corroborado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), documento que se direciona a formação de professores. Sobre esse último documento, Mendes, Bastos e Lopes (2024, p. 17) afirmam que envolvia:

aprimoramento de práticas preocupação com o aprimoramento da prática pedagógica, agregando a ela outros ambientes culturais, científicos e tecnológicos, físicos e virtuais visando a autonomia do aluno, como também ressalta a importância da inovação e do domínio das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento da aprendizagem.

As autoras observam que a educação brasileira vive em constante evolução na busca para acompanhar as mudanças tecnológicas e sociais do mundo contemporâneo, o principal desafio é como integrar as TDICs nas escolas com práticas pedagógicas de forma efetiva, em prol de uma educação ética, crítica e consciente alinhadas as demandas da sociedade.

Camada e Durães (2020), por sua vez, discutem a implementação da Inteligência Artificial (IA) no contexto da Educação Básica, através de uma revisão sistemática de literatura e da análise de como a IA pode ser usada de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os autores nos mostram a relevância do tema no mundo atual em qual vivemos e práticas pedagógicas envolvendo a IA no Brasil.

Primeiramente, Camada e Durães (2020) nos mostram que a educação tem passado por transformações significativas em função do avanço tecnológico, sendo relevante que os estudantes estejam desenvolvidos para as competências “exigidas”

no século XX. Quando a IA passa para o contexto social, surge também a necessidade do sujeito de compreender suas implicações e seu funcionamento, e assim torna-se um tema relevante no campo educacional.

A motivação deste trabalho parte da mobilização internacional e, em menor proporção, nacional, para a inclusão, não apenas do PC, mas também dos fundamentos da IA na Educação Básica [SBC 2019]. Neste sentido, aliado ao crescimento da importância da IA na economia global e nas oportunidades do mundo do trabalho, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) tem incluído o PC juntamente com o pensamento criativo como competência requerida para a Educação Básica em seus componentes de estudos e proposta para o PISA 2021 [OCDE 2020]. (Camada; Durães, 2020, p.2).

Os autores destacam que a Inteligência Artificial está presente na vida cotidiana das pessoas, mesmo que não seja visível como em sistemas de recomendações, spam do e-mail, reconhecimento de voz e *chatbots*⁴. E assim defendem que os estudantes devem ser preparados para ir muito além de usar essas tecnologias, mas sim como sujeitos críticos analisando os impactos causados. Isso se dá por meio do conceito de Pensamento Computacional, compreendido como uma forma de raciocínio voltada a resolver problemas por meio de separação de etapas, análise lógica e elaboração de soluções de acordo com cada etapa.

Camada e Durães (2020) estabelecem uma relação direta entre o Pensamento Computacional e a IA. Eles argumentam que o primeiro funciona como base de entendimento para o segundo. A Inteligência Artificial é exposta como uma área da computação que envolve o uso de dados, padrões e probabilidade para tomar decisões ou fazer previsões sendo definida especialmente pela autonomia e pela capacidade de adaptações dos sistemas.

Ao relacionar a IA com o contexto educacional brasileiro o artigo destaca a importância da Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que orienta a educação no Brasil, ela estabelece competências e habilidades consideradas essenciais para o desenvolvimento do aluno durante os seus anos na escola. Apesar de ter sido escrita em 2018 e não tratar explicitamente da Inteligência Artificial, Camada e Durães (2020) mostram que há competências e habilidades na BNCC da área de ciências exatas, que abrem espaço para sua abordagem. Entre

⁴ Um chatbot é um programa ou aplicação com o qual os usuários podem conversar por voz ou texto.

elas sobressaem à resolução de problemas, à curiosidade intelectual, à análise crítica e o uso de tecnologias digitais.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018, p.11)

Essa competência mostra que uso das tecnologias no ensino deve ir além ao acesso instrumental, o docente deve promover desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas. Sendo assim, a tecnologia deve ser utilizada como recurso pedagógico, orientada pelo professor de maneira consciente, desenvolvendo conhecimento e autonomia ao estudante, deixando assim espaço para o uso de IA no ambiente escolar.

(EM13MAT405) Utilizar conceitos iniciais de uma linguagem de programação na implementação de algoritmos escritos em linguagem corrente e/ou matemática.

(EM13MAT315) Investigar e registrar, por meio de um fluxograma, quando possível, um algoritmo que resolve um problema. (Brasil 2018, p. 544).

Essas habilidades estão previstas no currículo de matemática e suas tecnologias, elas evidenciam a preocupação da BNCC com o desenvolvimento do pensamento computacional. O documento, mostra a formação escolar se preocupa também em preparar o estudante para lidar com resoluções de problemas ao incluir a linguagem de programação, elaboração de algoritmos escritos, e investigação por meio de fluxogramas. Mesmo sendo da área da matemática, se torna uma habilidade interdisciplinar por meio do uso das tecnologias, contribuindo para aumentar a capacidade do aluno em diferentes áreas.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com

liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil 2018, p.9).

Essas competências gerais previstas na BNCC, destacam as preocupações para que os estudantes sejam preparados e capazes de investigar e refletir criticamente, o que inclui as tecnologias no meio educacional e do mundo contemporâneo. A competência 2, mostra a tecnologia não pode ser apenas uma ferramenta para auxiliar, mas sim capaz de promover a curiosidade do aluno em investigação, reflexão e análise crítica. Já a competência 6, explica que o aluno deve valorizar diferentes saberes, como suas próprias experiências e vivências sociais, para que assim também esteja preparado para o mercado de trabalho, o que implica diretamente no uso de IA nas salas de aula, já que sendo mediada pelo o professor, ela ajuda a desenvolver autonomia e análise crítica.

Outrossim, Camada e Durães (2020) também discutem a possibilidade de levar a IA como um tema transversal no currículo escolar, ou seja, a Inteligência Artificial não precisa ficar restringida apenas a uma disciplina específica, mas sim de forma interdisciplinar, unindo diferentes áreas de conhecimento e relacionando o conteúdo abordados na escola com a realidade dos estudantes. Sendo assim contribuindo para uma educação mais acoplada e contextualizada.

Pensar no uso de Inteligência Artificial, como o ChatGPT, no ensino da Língua Inglesa (LI) possibilita práticas interativas de linguagem, proporcionando avanços significativos na aprendizagem. Ademais, no campo de linguagens a BNCC ressalta que a língua deve ser ensinada como prática social, o documento destaca a importância de trabalhar com diferentes linguagens, inclusive os do meio digital.

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos. (Brasil, 2018, p. 65)

O uso do ChatGPT possibilita os estudantes uma aprendizagem personalizada, criando oportunidades inclusivas, respeitando as necessidades individuais de cada um, elevando a qualidade do ensino. Natalia Bezerra Rodrigues Ferreira (2024) em seu trabalho de conclusão do curso, afirmou:

Diante do cenário de integração global, a facilidade para tornar as aulas de Língua Inglesa mais dinâmica através de linhas mais interativas e as redes sociais promovem a valorização do ensino de idiomas, falar e usar o inglês dentro de plataformas e redes sociais tornou-se essencial para a integralização dos alunos, por isso, faz-se necessário modificar o ensino de Língua Inglesa, para assim, trazer mais interação e acolhimento para os alunos, redes sociais trouxeram além de interação, uma vasta funcionalidade, como exemplo vídeos e memes, apresentar alguns conteúdos vivenciados pelo aluno gera dinamicidade. (Ferreira, 2024, p. 39-40).

A LI na BNCC é estruturada em cinco eixos organizadores que priorizam o uso social da linguagem e a competência comunicativa dos estudantes, esses eixos são, oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural. Cada um desses eixos visam a formação de sujeitos críticos capazes de atuar em diferentes contextos culturais, esses eixos são independentes e devem ser trabalhos de forma integrada.

Por fim, há respaldos na BNCC para a inserção do ChatGPT no ensino da LI, especialmente quando falamos de cultura digital e práticas sociais de linguagem, integrar tecnologias ao ensino de língua inglesa não substitui o professor, mas permite ampliação de possibilidades pedagógicas.

Camada e Durães (2020) defendem que o ensino da IA na educação básica contribui muito além da sala de aula já que a Inteligência Artificial está cada vez mais presente no cotidiano, ou seja, compreender os como e onde usar a IA, prepara também o estudante para o mercado de trabalho. Outrossim, se faz necessário compreender em quais contextos e como utilizar a IA favorecendo assim não só a aprendizagem do estudante, mas o preparando também para o mercado de trabalho.

Encerrada a discussão sobre marcos legais na educação, vamos investigar a relação entre IA e educação a partir dos grupos que usam IA e a natureza dos usos da IA por esses grupos. Castello et al. (2025) revelam que mesmo que professores e estudantes já lidem com a IA dentro de sala, o acesso é de forma desigual. E com isso vem a preocupação com a superficialidade do aprendizado e a dependência que essa tecnologia pode causar. O Conselheiro representante do setor empresarial no CGI.br, Henrique Faulhaber, afirma que:

A IA não substituirá professores nem a relação humana que constitui o núcleo de aprendizagem e a formação dos alunos. Ao contrário: pode ser uma aliada poderosa na ampliação de oportunidades, na melhoria de processos e na democratização do acesso a recursos

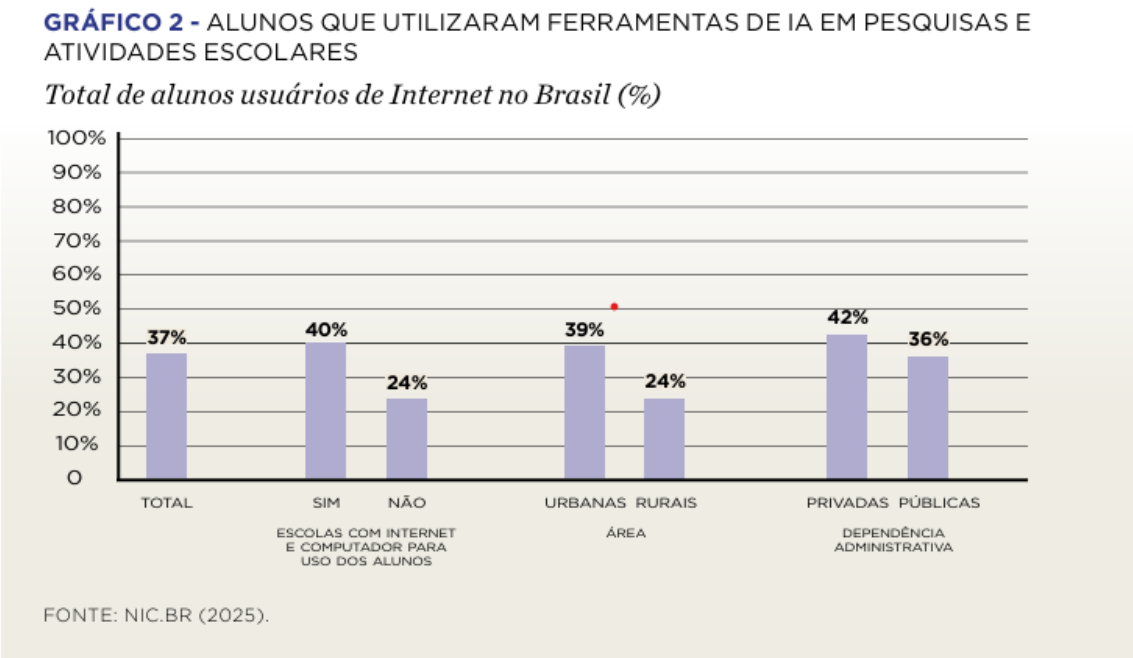
educacionais. O desafio está em transformar esse potencial em benefício coletivo, o que exige escolhas éticas, políticas públicas consistentes e compromisso social. Que este estudo sirva, portanto, como um convite à reflexão e à ação, para que a IA, em todas as suas formas, esteja sempre a serviço do aprendizado, da equidade e do futuro das novas gerações. Henrique Faulhaber Conselheiro representante do setor empresarial no CGI.br (Castello et al. 2025, p. 24)

A IA foi um fenômeno tecnológico que transformou, e ainda transforma toda a sociedade, e especialmente a relação entre o professor e o aluno dentro do contexto escolar. Ferramentas como Gemini, Copilot e ChatGPT a partir de simples comandos são capazes de fazer textos, gerar imagens, responder a perguntas e muitas outras coisas com o prompt certo. Tendo em vista esse avanço, é necessário entendermos urgentemente porque a IA está sendo utilizada (“IA porquê?”), como está sendo o seu uso (“IA como?”), e qual a finalidade (“IA para que?”).

Uma pesquisa realizada TIC Educação 2024 revela que aproximadamente 37% dos estudantes do Brasil que tem acesso à internet já utilizaram a ferramenta de Inteligência Artificial em atividades escolares: no Ensino Fundamental I, há uma porcentagem de 15%, já nos do Ensino Fundamental II, o percentual é de 39% (Catello; Brandão, 2025). Esse número se mostra ainda maior nos estudantes de Ensino Médio, com um percentual de 70% dos estudantes, número equivalente a cerca de 5,2 milhões de alunos.

O segundo gráfico dessa pesquisa, evidencia a desigualdade de acesso a essa tecnologia já que ele mostra que o uso de IA está mais presente em escolas com melhor infraestrutura e escolas localizadas na área urbana e na rede de ensino privado.

Figura 1 Gráfico apresentado por Castello et al. (2025) sobre uso de IA na educação



Fonte: Castello et al. (2025)

Os dados também mostram a falta de mediação pedagógica, já que entre os alunos usuários de IA apenas 19% relatam que conversaram com o professor sobre utilizar a Inteligência Artificial nas atividades escolares, e 33% dos estudantes receberam orientações adequadas e como identificar conteúdos incorretos, informações falsas ou preconceituosas. O que evidencia que a escola não acompanha o processo do uso de IA de forma estruturada.

O texto também apresenta que a IA está sendo utilizada sim utilizada entre os professores, mas de forma desigual e assimétrica, sendo em maior número em escolas privadas (51%), entre o público masculino (50%) e jovens de até 30 anos (55%) nas regiões urbanas (45%). Esse conjunto de dados sugerem que a Inteligência Artificial na Educação Brasileira já acontece em grande quantidade, mas fatores como localização geográfica, infraestrutura tecnológica, e tipo de rede de ensino influenciam diretamente no uso da IA.

A pesquisa salienta que o uso e o acesso a Inteligência Artificial não acontecem de forma igual entre docentes. A situação atual revela que a utilização é maior entre professores jovens, em grande maioria homens e que trabalham em zona urbana e escolas privadas, o que se torna necessário refletir como essas diferenças podem impactar os professores que tem menor acesso a infraestrutura e

as tecnologias e como ele podem enfrentar essas dificuldades para introduzir a IA em suas práticas pedagógicas.

Castelo et al. (2025) discutem as possibilidades e desafios do uso da IA no contexto brasileiro. Ele apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com 27 entrevistados, sendo eles representantes de diversos segmentos da área educacional, entrevistas essas foram executadas entre junho e agosto de 2025, nessa pesquisa foi discutido os benefícios e os riscos de usar IA no contexto escolar.

No estudo de Castello et al. (2025), os entrevistados relataram diferentes potenciais benefícios percebidos sobre o uso da IA no contexto de sala de aula, e tais foram divididos em quatro grupos de impacto, (a) trabalho docente, (b) gestão, (c) experiência dos estudantes e (d) impactos mais amplos na sociedade.

No que se diz a respeito aos professores, a IA aparece como um otimizador de tempo, reduzindo a sobrecarga dos docentes e liberando tempo para atividades pedagógicas. Auxilia também no apoio a elaborações de plano de aula, de avaliações e criação de recursos digitais. Castello et al. (2025) aponta que discutir a probabilidade de ampliar competências docentes em atividade de cocriação e renovação pedagógica indo além do campo digital, melhora a qualidade da educação e incrementa práticas inovadoras em sala de aula.

Em relação ao campo da gestão, os autores afirmam que a IA favorece a forma de analisar dados educacionais, melhora a comunicação com o cidadão e com as famílias, identificando padrões e antecipando problemas como evasão escolar e dificuldades de aprendizagem, oferecendo modelos preditivos para esses problemas. Outrossim, a IA pode ser utilizada para organizar tarefas que normalmente exigem muito tempo, como distribuição dos professores nas turmas, organização da merenda e do transporte, trazendo políticas escolares mais eficazes.

No que se refere à experiência dos estudantes, os benefícios citados são relacionados a um aprendizado personalizado. A Inteligência Artificial vai além do que o professor pode oferecer individualmente, adaptando conteúdos e atividade de acordo com as dificuldades de cada aluno, oferece feedbacks de forma ágil e ampliando o repertório de conhecimento diversos. A IA também proporciona inclusão apoiando estudantes com deficiência, reduz as dificuldades de aprendizagem e aumenta a motivação e engajamento estudantil.

No campo de impactos na sociedade, sendo ele um campo mais amplo, os benefícios citados por Castello et al. (2025) incluem a possibilidade de utilizar essa ferramenta nas escolas; apoiar da inserção dos jovens no mundo digital e no universo do trabalho contemporâneo, fortalecendo a preparação dos estudantes aos desafios da sociedade; ampliar as oportunidades de aprendizagem, tendo em vista que alcança regiões onde há falta de profissionais e infraestrutura. A IA também contribui para estratégias de segurança, como por exemplo ferramentas de detecção de bullying.

Entretanto é importante salientar que todos os benefícios em potencial citados, necessitam de orientações de princípios éticos e acompanhamento dos mecanismos de proteção e segurança. Os riscos enfatizados nessa pesquisa, tanto entre professores como alunos é, falta de conhecimento e formação, confiabilidade das informações, desenvolvimento humano e cognitivo, segurança e privacidade, questões éticas e de valores, autonomia docente, desigualdades e ausência de propósito pedagógico (Castello et al., 2025). Os entrevistados afirmam que o uso precoce dessa ferramenta, sem um conhecimento prévio sobre essa tecnologia, dificulta o uso pedagógico consciente. Como não compreendem seu funcionamento, suas implicações ou até mesmos seus limites, a falta de capacitação específica leva a uso indiscriminados (Castello et al., 2025).

Outra preocupação de Castello et al. (2025) refere-se ao desenvolvimento humano e cognitivo. Os entrevistados afirmam que o uso precoce da IA sem mediação adequada pode levar a uma dependência dessa tecnologia, e interferir no pensamento crítico e na criatividade dos alunos. Outrossim, também despertam apreensão as questões éticas e de valores. As empresas que desenvolvem essa tecnologia têm interesses comerciais e não objetivos pedagógicos, podendo haver conflitos de interesses e desumanização da educação. Além disso, os sistemas preditivos podem gerar rótulos sobre os alunos que influenciaria negativamente na vida escolar do mesmo, a estigmatização induziriam a forma como gestores e professores lidam com ele. Há também a preocupação com o plágio e manipulação de informação, ferramentas como essa produzem o trabalho completo pelo aluno o que compromete o processo de aprendizagem, sendo assim as questões éticas devem ser consideradas desde o desenvolvimento dessa ferramenta até a implementação nas escolas (Castello et al., 2025).

Além disso, há riscos de disseminação de conteúdos tendenciosos e ampliação de desigualdades, a Inteligência Artificial fornece um resumo genérico do mundo, e esse descompasso pode causar apagamentos culturais e exclusão simbólica afetando grupos que não se reconhecem nos resultados gerados, reproduzindo injustiças raciais de gênero e de cultura. Vale salientar que para acessar a IA, necessita-se de dispositivos tecnológicos, conectividade e letramento digital, o que amplia as desigualdades existentes no país.

O risco de confiabilidade das informações apresentadas pela a IA foi outro ponto destacado. Os usuários devem possuir competências necessárias para identificar erros, “alucinações” e falhas que a IA pode produzir, caso não possuam, a consequência pode ser a disseminação de fake News, inclusive em formatos audiovisuais. Outro ponto questionado sobre os riscos do uso dessa ferramenta nas escolas, é a segurança e privacidade de dados. O armazenamento de informações sobre professores e alunos geram preocupações sobre um potencial vazamento de dados e a perda de privacidade.

Diante de todos os riscos citados acima associados ao uso da IA na educação, o Referencial para Desenvolvimento e Uso Responsáveis de Inteligência Artificial na Educação (Brasil, 2026) pontua a necessidade de arranjos institucionais que sejam capazes de orientar o seu uso de forma coerente. Dentre esses arranjos, a governança institucional configura-se como um pilar para a integração da IA na educação. A governança institucional corresponde ao conjunto de mecanismos e regras para a inserção da IA nas escolas, responsável por “assegurar previsibilidade, coordenação e responsabilidade ao longo de todo o processo de adoção dessas tecnologias, abrangendo as etapas de concepção, implementação, utilização e avaliação.” (Brasil, 2026, p. 222). A governança institucional deve ter membros de diferentes áreas, como sociedade civil, gestores públicos, escolas, e professores, garantindo assim atenção aos riscos já citados. Nesse quadro, a governança deve garantir acesso e infraestrutura digital adequada, atualização e expansão dos programas de formação docente, letramento e experimentação em inteligência artificial e, por fim, fomento a um ecossistema de pesquisa, desenvolvimento e inovação em IA na educação.

O Ministério da Educação e da Cultura (2026) também cita a garantia à Infraestrutura Digital, referindo-se à “conectividade limitada, a inadequação de equipamentos e a ausência de ambientes digitais estruturados” (Brasil, 2026, p.

224). Para a Inteligência Artificial ser integrada na educação, é fundamental garantir acesso à internet de qualidade, suporte técnico institucionalizado para atender às demandas das escolas, e disponibilidade de equipamentos. O firmamento dessas condições, colabora para os princípios da equidade, da qualidade e da responsabilidade pública.

Faz-se necessário também, atualização e expansão dos programas de formação docente para assegurar que a IA esteja alinhada com os objetivos educacionais e as diretrizes institucionais. No Brasil, o Referencial de Saberes Digitais Docentes é um guia estruturante de como usar as tecnologias de forma crítica na educação básica, mas é de suma importância formações continuadas que abranjam os diferentes tipos de IA, os princípios de funcionamento e as possibilidades de uso no ambiente escolar. Para isso, os docentes e discentes devem ser ensinados a interpretar os resultados gerados por IA detectar erros e reconhecer as limitações dos sistemas. O letramento digital também deve compreender o uso ético e consciente da IA, devem ocorrer de forma conjunta com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, articulando com a BNCC e respeitando o Projeto Político-Pedagógico das escolas, garantindo assim a autonomia de acordo com as características de cada ambiente. Sendo assim, a integração pode assumir diferentes formatos, de acordo com o contexto local.

Nessa seção, discutimos os benéficos e os malefícios do uso do ChatGPT na Educação Básica e as possibilidades de aplicação na Língua Inglesa. Na sequência, apresentaremos a construção metodológica adotada no desenvolvimento da nossa pesquisa.

4 METODOLOGIA

A pesquisa é natureza qualitativa, pois não se concentra na expressividade numérica dos dados, mas em sua interpretação e nas relações que deles se pode extrair (Guerra et al., 2024). É também uma pesquisa exploratória, conforme descrito por Gerhardt e Silveira (2009), pois tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses e geralmente envolve levantamento bibliográfico. Nesse sentido, o presente estudo opta pelo método bibliográfico, em que “feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.” (Fonseca, 2002, p. 32).

Dentre as propostas de estudo bibliográfico, optou-se pelo viés da revisão de literatura. Conforme descrita por Mattos (2015) e Flor et. al. (2021), a revisão de literatura permite uma análise minuciosa sobre um determinado campo teórico e permite saberes, contribuições e enfoques possíveis sobre a área estudada. Nesse trabalho, optou-se por revisão do tipo integrativa, que se caracteriza pela reunião e síntese de resultados de estudos acerca de determinado tema ou objeto, de forma sistemática e ordenada (Botelho et al., 2011; Mendes et al., 2008, Flor et al., 2021). A escolha por esse tipo de revisão se fundamenta por sua abrangência em diferentes tipos de estudos, incluindo produções teóricas e empíricas.

Segundo Mendes et al. (2008) e Scorsolini-Comin e Santos (2010), a construção dessa revisão ocorre em seis etapas: definição do tema, estabelecimento de critérios para exclusão e inclusão, definir quais informações serão extraídas dos estudos selecionados, avaliação crítica do material coletado, interpretação dos resultados, por fim, a apresentação da síntese dos estudos. Portanto, esse método permite não apenas reunir os estudos já publicados do tema, mas interpretar as tendências e perspectivas associadas ao mesmo, possibilitando maior profundidade analítica.

Para seleção do corpus, buscamos artigos disponibilizados em plataformas de periódicos, como o Portal de Periódicos da CAPES Google Acadêmico e o SCIELO, mas também recorreremos a buscadores que fazem uso de inteligência artificial, como as seguintes plataformas: *Semantic Scholar* e

Researcher Rabbit. A pesquisa foi realizada através das palavras-chaves “ChatGPT”, “ensino” e “língua inglesa”, para artigos publicados apenas em língua portuguesa no recorte temporal de 2023 a 2025.

No Portal de Periódico da CAPES, a pesquisa foi conduzida a partir da palavra-chave “ChatGPT” e os filtros foram utilizados para especificar produções acadêmicas em língua portuguesa na área de Letras, Linguística e Artes. A plataforma encontrou dezessete artigos, todavia, nenhum que atendesse ao tema específico desta pesquisa. Já na plataforma Scielo, seguindo os mesmos procedimentos, foi encontrado apenas um artigo e o mesmo não atendeu aos critérios da pesquisa.

Dentre as plataformas que usam IA para buscar artigos científicos, encontramos com o Google Acadêmico dois artigos, com *Semantic Scholar* três artigos e com o *Researcher Rabbit*, também três artigos, no total foram selecionados oito artigos para esta pesquisa. O Quadro 2, na página seguinte, sistematiza as informações dos artigos encontrados. Na próxima seção, nos dedicamos à análise e discussão dos artigos.

Quadro 2 Artigos selecionados para corpus da pesquisa

Ano	Autoria	Título	Objetivo
Google acadêmico			
2025	Adriana Almeida Fernandes.	Escrever com IA: o ChatGPT como aliado na escrita em inglês como língua adicional	Apresentar uma proposta didático-pedagógica, discutindo o uso do ChatGPT como assistente no desenvolvimento na escrita em inglês como língua adicional para docentes.
2025	Ivone Soares Leandro de Carvalho.	<i>Feelings and AI: a report of teaching in high school</i>	Apresentar uma proposta pedagógica com o uso de inteligência artificial no ensino da língua inglesa explorando a produção literária por meio de práticas criativas.
Semantic Scholar			
2024	Ana Cristina de Souza Santos; Jakeline Montovani Banchetti; Jessica Apolinario Bononi Baquero; Juliana De Almeida Ferreira; Luciana Lucas Dos Santos; Priscila Silva De Abreu; Yasmin Carvalho De Melo.	ChatGPT como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de habilidades práticas na língua inglesa	Averiguar sobre a aplicação do ChatGPT no contexto escolar desenvolvendo habilidades práticas na língua inglesa de modo adaptado com as necessidades de cada aluno.
2024	Luyza Tomaz Fernandes; Valeska Virgínia Soares Souza; Ana Carolina Parolini Borges Durante.	O uso do chatGPT para o ensino e aprendizagem de língua inglesa: uma pesquisa narrativa sobre formação docente	Explorar como o ChatGPT pode contribuir ou limitar o processo de ensino aprendizagem da língua inglesa.
2025	Samuel Nazareth Souza.	A inteligência artificial e a autonomia do aluno no ensino de língua inglesa na escola pública	Investigar os benefícios do uso do ChatGPT no ensino da língua inglesa, em escolas de rede pública, focando na autonomia dos alunos.

Continua

Researcher Rabbit			
2025	Luisa da Costa Silva Gallas; Rafael Vetromille-Castro; Bruno da Silva Oliveira.	O ChatGPT vai substituir os professores de línguas? Uma análise do ChatGPT na elaboração de planos de aula para ensino de línguas	Analisar planos de aulas desenvolvidos pelo o ChatGPT para o ensino de língua inglesa como língua adicional.
2025	Adriana Almeida Fernandes; Tatiana Lourenço de Carvalho.	Implicações da inteligência artificial para o desenvolvimento da proficiência escrita em inglês como língua adicional: o papel do ChatGPT	Analisar as implicações da Inteligência Artificial, focando no ChatGPT, para a aprendizagem da escrita da língua inglesa como língua adicional.
2025	Karyelly Guimarães Moreira; Rafael Rodrigues Feitosa.	Aprendendo inglês com prompts: uma experiência interativa no contexto do turismo em Goiás.	Discutir a utilização de prompts baseados em Inteligência Artificial (IA) como ferramenta pedagógica para o ensino de língua inglesa, considerando o turismo em Goiás como abordagem temática.

Fonte: a autora (2026)

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O primeiro artigo encontrado no Google Acadêmico, *Escrever com IA: o ChatGPT como aliado na escrita em inglês como língua adicional*, desenvolvido Adriana Almeida Fernandes, publicado em 2025, tem como objetivo principal propostas didática-pedagógica para professores relacionadas com o ChatGPT, como assistente na escrita no ensino de inglês como língua adicional.

A autora se ancora nos estudos de Flower e Hayes (1981), que afirmam que escrever envolve planejamento, textualização, revisão e edição. Fernandes (2025) cita que os aprendizes de inglês como língua adicional (ILA) enfrentam vários desafios, que não são apenas linguísticos, eles precisam desenvolver habilidades, tanto para aspectos formais, quanto para os funcionais de linguagem.

Sobre esse cenário, os multiletramentos e os letramentos digitais nos fazem refletir sobre a inserção de IA no ensino de ILA. Fernandes (2025) ao citar Xavier (2011) defende que educação devia ser integrada as tecnologias digitais. Estudos desenvolvidos por Godwin-Jones, 2022; Alharbi (2023), Vicente-Yagüe-Jara et al. (2023), Ricart-Vayá (2024) e Gill et al. (2024), demonstram que usar IA tal qual o ChatGPT, podem auxiliar na escrita criativa, ao dar *feedback* instantâneos, gerar sugestões de estrutura e simular interações comunicativas, desde que seja instruído por objetos pedagógicos e tenha uma atuação ética e critica a IA pode usada como assistente no processo de produção.

A autora desenvolveu um estudo voltado para docentes de línguas, estudantes na área de letras, pesquisadores e outros profissionais que estejam interessados no uso pedagógico de IA no ensino ILA, especificamente no desenvolvimento da habilidade de escrita.

A metodologia desse estudo está organizada no formato de um minicurso, que combina exposição e demonstração, mas sem desenvolver uma pesquisa de campo em contexto escolar. “Cada etapa articula fundamentos teóricos, exemplificações práticas e debate com os participantes, promovendo a construção coletiva de saberes sobre o uso do ChatGPT como assistente de escrita em ILA.” (Fernades, 2025, p.3).

Por fim, o artigo apresenta uma visão positiva do uso do ChatGPT, mas de forma crítica e consciente, apresentando exemplos de uso reais de aplicação em atividades e até simulação de *prompts* com o objetivo de ilustrar possíveis situações em que o ChatGPT é usado como assistente de escrita, auxiliando os alunos na organização estrutural do texto, promovendo *feedbacks* instantâneos, e na ampliação do vocabulário, desde que seja mediado pelo professor e utilizado de forma ética.

Na sequência, “*Feelings and AI: a Report of Teaching in High School*”, publicado por Ivone Soares Leandro de Carvalho (2025), se volta para o aprendizado significativo da língua inglesa por meio de práticas criativas que exploram a produção literária com o suporte da IA.

O estudo de Carvalho (2025) é um relato de experiência realizado com os alunos de 3º do ensino médio de uma escola pública com base no poema de Samuel Beckett (1983). A autora relata o uso do ChatGPT no processo de reconstrução e leitura do poema bem como na superação de barreiras linguísticas por meio da ferramenta de áudio da plataforma, ajudando na confiança no uso da língua estrangeiras, o artigo promove também debates éticos, reflexivos e críticos sobre o uso da IA. A autora afirma que “a integração entre inteligência artificial e literatura no ensino médio é uma estratégia eficaz para fomentar o aprendizado da língua inglesa de forma criativa e significativa”. (Carvalho, 2025, p. 4)

Por fim, o artigo se mostra relevante por apresentar o uso do ChatGPT em contexto real de sala de aula, como ferramenta que ajuda os alunos, amplia o vocabulário, tornando-os agentes críticos e mostrando caminhos promissores para a IA na educação. Contudo ele também evidencia limitações no aprofundamento teórico e metodológico, indicando a carência de pesquisas sobre o uso do ChatGPT no ensino da língua inglesa. Os resultados estão sintetizados no Quadro 3 abaixo.

Quadro 3 Resumo dos achados dos artigos no Google Acadêmico

Autoria (ano)	Título	Base teórica	Há uso do ChatGPT em uma atividade de ensino-aprendizagem em contexto real?	Como o artigo caracteriza ferramentas de IA, de forma geral, e o ChatGPT de forma específica?
Adriana Almeida Fernandes (2024)	Escrever com IA: o ChatGPT como aliado na escrita em inglês como língua adicional	Processo de escrita Flower e Hayes (1981), multiletramentos Rojo (2009), e letramento digital Soares (2002).	O artigo está organizado no formato de minicurso, combinando demonstração e exposição, mas não apresenta uso no contexto real.	No artigo a ferramenta é abordada para professores, ela reconhece o potencial da IA, mas reforça que deve ser usada de forma ética, e cita o ChatGPT de forma positiva, usado de forma útil para assistente de escrita.
Ivone Soares Leandro de Carvalho (2024)	<i>Feelings and AI: a report of teaching in high school</i>	O artigo não apresenta nenhuma base teórica.	O artigo apresenta uma aplicação prática com os alunos de 3º ano de uma escola de educação básica, utilizando o ChatGPT na leitura, e escrita nas aulas de inglês.	A ferramenta é abordada para alunos, fala positivamente da IA, principalmente do ChatGPT, já que ele é usado como apoio a escrita dos alunos.

Fonte: a autora (2026)

O primeiro artigo encontrado na plataforma *Semantic Scholar*, foi, *ChatGPT como Ferramenta Pedagógica Para o Desenvolvimento de Habilidades Práticas na Língua Inglesa*, publicado em 2024, foi desenvolvido por Ana Cristina de Souza Santos, Jakeline Montovani Banchetti, Jessica Apolinario Bononi Baquero, Juliana De Almeida Ferreira; Luciana Lucas Dos Santos, Priscila Silva De Abreu, Yasmin Carvalho De Melo. O objetivo principal do estudo foi investigar o uso de IA, através do ChatGPT nas aulas de língua inglesa, tendo em vista que a educação deve ser personalizada.

Os autores ancoram o seu estudo em Lev Semionovich Vygotsky (1998) e sua teoria sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, que defendiam que o meio social que a criança está inserida, deve ser analisada junto com sua educação, ou seja, cada aluno necessita de uma aprendizagem adaptada. O artigo também dialoga com a BNCC (Brasil, 2018) que abrange o desenvolvimento de habilidades em pensamento computacional, robótica, inteligência artificial, programação, jogos digitais e outras temáticas correlatas à área de tecnologia.

Santos et al. (2024) realizaram uma pesquisa teórica e um estudo de caso com professores e alunos do 6º e 7º ano da instituição *Maple Bear* (escola de ensino privado e bilingue). De início, foi realizado um questionário com os professores da escola, sobre a utilidade da IA no contexto educacional, os desafios e os pontos positivos e negativos. A partir dos resultados, foi elaborado um plano de aula dividido em três momentos para discutir com os alunos sobre o ChatGPT, sendo eles: definição de IA e seus usos, aspectos favoráveis e desfavoráveis ao uso do ChatGPT e uma atividade prática com o ChatGPT, que infelizmente não pode ser realizada devido ao calendário escolar apertado.

Por fim, esse artigo destaca o potencial da IA, em especial o ChatGPT nas escolas, que além de promover aprendizagem personalizada, prepara os estudantes para usar a IA com ética. Santos et al. (2024) afirmam que o uso do ChatGPT no ensino da língua inglesa, desde que moderado e usado de forma positiva com mediação do professor, pode tornar a aula mais eficaz, dinâmica, inclusiva e criativa, e assim revolucionando o ensino das línguas.

Na sequência, o artigo *O Uso do Chat GPT para o Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: Uma Pesquisa Narrativa Sobre Formação*

Docente, publicado em 2024 por Luyza Tomaz Fernandes, Valeska Virgínia Soares Souza e Ana Carolina Parolini Borges Durante, apresenta a experiência de uma professora de inglês sobre como o ChatGPT pode contribuir ou limitar o processo de ensino aprendizagem da língua inglesa.

A pesquisa é de caráter qualitativa autobiográfica e, se ancora em Clandinin e Connelly (2000; 2011) e Clandinin (2013), que na perspectiva da pesquisa narrativa buscam compreender experiências vividas e contadas.

Fernandes (2024) foi professora de língua inglesa que conduziu essa pesquisa com suas próprias experiências e relata o medo de ser substituída pelo o ChatGPT. A partir desse ponto, começaram suas investigações com a ferramenta para planos de aulas e dúvidas dos seus alunos. A professora também aprendeu a aprimorar seus *prompts*.

Nesse estudo, o ChatGPT foi uma ferramenta usado como aliado do professor, entretanto os autores afirmam que a democratização do ChatGPT beneficia aqueles que têm acesso a tecnologias digitais e acesso à internet, e exclui aqueles que não tem acesso. Outrossim, aqueles que possuem fácil acesso, ainda precisam ter habilidades de proficiência linguística e digital.

Em suma, o artigo evidencia como o uso do ChatGPT no ensino da língua inglesa embora seja promissor, ainda possui muitas limitações ao ser inserida no contexto escolar. O texto tem contribuição valiosa, mesmo que não haja aprofundamento no uso da ferramenta pelos alunos, uma vez que a autora se concentra apenas nas suas experiências.

O terceiro artigo encontrado na plataforma *Semantic Scholar*, *A Inteligência Artificial e a Autonomia do Aluno no Ensino de Língua Inglesa na Escola Pública*, escrito por Samuel Nazareth Souza, foi publicado em 2025. Nesse estudo foi desenvolvido uma sequência didática, que abordassem as quatro habilidades para as aulas de língua inglesa.

Souza (2025), se ancora nos estudos de Valente (1999), que defendia uma educação baseada totalmente na transmissão de informações e na instrução, onde a aprendizagem é concentrado no aluno, e o mesmo constrói o seu conhecimento, tornando-o autônomo e crítico. Souza (2025) realizou um estudo de caso, utilizando o ChatGPT com duas turmas no 9º ano, de uma escola pública da cidade de Juiz de Fora, primeiro aconteceu a coleta de dados para saber quantos dos alunos tinham acesso a celulares e computadores em

casa e desses quais tinham acesso à internet. Diante dessa coleta, a atividade foi realizada na escola, a proposta foi que os alunos tivessem diálogos semelhantes aos dos livros didáticos por meio do ChatGPT, e que durante esses diálogos fossem trabalhadas as quatro habilidades da língua inglesa (“reading”, “writing”, “speaking” e “listening”), já que os alunos produziam os textos, faziam a leitura dos diálogos gerados pela plataforma e conversavam com sua dupla.

Nesse artigo foi observado a utilização da inteligência artificial de forma positiva, destacando que usar a IA dentro de sala para as aulas de inglês, torna a aula mais dinâmica e os alunos mais autônomos, mas também reconhece a dificuldade em diante da falta de ferramenta dos alunos, e das habilidades. O ChatGPT é usado em contexto real, permitindo que os estudantes explorem e desenvolvam sua competência comunicativa na língua inglesa, permite também um aprendizado adaptado as dificuldades de cada um.

Tal efetuado nas plataformas anteriores, os resultados achados nos artigos encontrados no *Semantic Scholar*, estão apresentados de forma resumida no Quadro 4.

Quadro 4 Resumo dos achados dos artigos no Semmantic Scholar

Autoria (ano)	Título	Base teórica	Há uso do ChatGPT em uma atividade de ensino-aprendizagem em contexto real?	Como o artigo caracteriza ferramentas de IA, de forma geral, e o ChatGPT de forma específica?
Ana Cristina de S. Santos; Jakeline M. Banchetti; Jessica A. Bononi Baquero; Juliana de A. Ferreira; Luciana Lucas Dos Santos; Priscila Silva De Abreu; Yasmin Carvalho De Melo (2024).	ChatGPT como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de habilidades práticas na língua inglesa.	Lev Semionovich Vygotsky (1998) e a teoria sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal.	O artigo apresenta uma proposta de aplicação do ChatGPT com alunos de 6º e 7º ano, os autores apresentaram a ferramenta e quando iria ocorrer o uso em contexto real, não foi possível realizar a aplicação devido o calendário escolar apertado.	No artigo a ferramenta é abordada para professores e alunos. Nele a IA em geral é apresentada com uma visão positiva, o ChatGPT aparece como ferramenta pedagógica capaz de aprimorar as habilidades linguísticas em língua inglesa dos alunos, de forma adaptada de acordo com suas particularidades.
Luyza Tomaz Fernandes; Valeska V. Soares Souza; Ana Carolina P.B. Durante (2024).	O uso do ChatGPT para o ensino e aprendizagem de língua inglesa: uma pesquisa narrativa sobre formação docente	Clandinin e Connelly (2000; 2011) e Clandinin (2013) pesquisa narrativa.	O artigo apresenta aplicações do ChatGPT como uma ferramenta de auxílio ao professor. A autora pesquisadora afirma que fez o uso, porém não apresenta uma aplicação empírica	A ferramenta é abordada com foco em professores. A visão sobre a IA, nesse estudo, é dividida. O ChatGPT é apresentado como um aliado do docente, mas apresenta limitações,

			sistematizada em sala de aula.	com aqueles que não possuem acesso as tecnologias digitais e a internet, e necessidade de letramento digital para que seja usado de forma eficiente.
Samuel N. Souza (2025).	A inteligência artificial e a autonomia do aluno no ensino de língua inglesa na escola pública	Valente (1999), aprendizagem centrada nos alunos.	Nesse estudo é mostrada uma aplicação do uso do ChatGPT com duas turmas de 9º de uma escola pública. Os estudantes utilizaram a ferramenta para produzir diálogos em inglês, semelhantes ao livro didático.	A visão sobre IA de forma geral é predominantemente positiva. O ChatGPT aparece como uma ferramenta de apoio aos alunos para explorar “reading”, “writing”, “speaking” e “listening”.

Fonte: a autora (2026)

E por fim, da plataforma *Research Rabbit*, o primeiro artigo *O ChatGPT vai substituir os professores de línguas? Uma análise do ChatGPT na elaboração de planos de aula para ensino de línguas*, escrito por Luisa da Costa Silva Gallas, Rafael Vetromille-Castro e Bruno da Silva Oliveira (2025), teve o objetivo de analisar planos de aula criados pelo o ChatGPT, para o ensino da língua inglesa como língua adicional, investigando o processo de geração desses planos de aulas.

Gales, Castro e Oliveira (2025) se ancoraram no trabalho de Celce-Murcia (2007) que afirmava a competência comunicativa como conceito central no ensino das línguas, e em Lopes Jr. (2015), que defende a aprendizagem baseada em tarefas.

No presente estudo o ChatGPT foi utilizado em duas versões, a versão 3.5 de 2023, e a versão 4.0 de 2024, os autores utilizaram *prompts* para elaboração dos planos de aula em língua inglesa, e analisaram qual abordagem de ensino a ferramenta adotaria. Os mesmos *prompts* foram utilizados nas duas versões do ChatGPT, comparando os avanços e destacando as mudanças. Gales, Castro e Oliveira (2025) afirmam que o processo de letramento de *prompts* é fundamental ao utilizar essa ferramenta, para que os comandos sejam eficazes de acordo com as necessidades pedagógicas.

Nesse artigo, o ChatGPT é utilizado como uma ferramenta a favor dos professores de língua inglesa, e os autores mostram como ele pode facilitar o trabalho docente, auxiliando na preparação de planos de aulas, contudo precisa ser utilizado com de forma crítica e ética.

Em síntese, esse artigo contribui significativamente para o debate sobre o uso do ChatGPT no ensino de língua inglesa, ao apresentar como a ferramenta de IA pode contribuir no planejamento pedagógico, no entanto ele enfatiza que o professor necessita de conhecimento teórico e metodológico ao usar o ChatGPT. Por fim, a pesquisa ainda apresenta limitações já que não mostra o uso real do ChatGPT no processo de ensino e aprendizagem de língua em inglesa, discute apenas como a ferramenta por ser usada para gerar planos de aulas.

Na sequência, o artigo *Implicações Da Inteligência Artificial Para O Desenvolvimento Da Proficiência Escrita Em Inglês Como Língua Adicional: O*

Papel Do ChatGPT, desenvolvido por Adriana Almeida Fernandes e Tatiana Lourenço de Carvalho, publicado em 2025, tem objetivo identificar como o ChatGPT pode interferir ou auxiliar no desenvolvimento da escrita em inglês como língua adicional, e como o uso constante de IA pode causar dependência.

Fernandes e Carvalho (2025) se baseiam Brown e Lee (2015) e Tribble (1996), que argumentavam sobre o processo significativo e complexo de escrita em ILA, as autoras também citam os estudos de Godwin-Jones (2022), Alharbi (2023), Gill et al. (2024) e Ricart-Vayá (2024), que discutiam sobre como o ChatGPT pode aprimorar a habilidade escrita em ILA. Tais estudos sempre destacam tanto seus benefícios como suas limitações. As autoras também citam a BNCC, ao afirmarem que a língua deve ser aprendida através de comunicações reais, acolhendo os usos variados de seus falantes, de acordo com sua própria cultura e seu repertório linguístico.

O artigo destaca que com o avanço significativo da Inteligência Artificial, principalmente do ChatGPT, há uma necessidade abordagem mais inovadoras no ensino das línguas, que além de contemplarem as práticas tradicionais, sejam interativas, personalizadas e adaptadas.

Fernandes e Carvalho (2025), afirmam que o ChatGPT se sobressai por ter habilidades que se assemelham a interações realizadas por humanos, promovendo suporte personalizado, o que permite aos usuários aprimorarem a habilidade de escrita em inglês como língua adicional, o que deixa o aprendizado mais dinâmico, envolvente e motivador, além também ajudar os docentes na criação de matérias personalizados e interativos.

A ferramenta, oferece *feedback* corretivo (FC) instantâneo, servindo de apoio aos aprendizes de escrita em ILA em aspectos como coerência textual gramática, estilo de escrita e vocabulário, o que promove autonomia, outrossim, outra vantagem de usar o ChatGPT no processo de desenvolvimento da escrita em ILA, é que a ferramenta que fica disponível 24 horas para dúvidas e perguntas, facilitando a pratica constante do idioma.

O artigo também discute, que embora o ChatGPT seja uma ferramenta promissora com muito potencial no desenvolvimento da escrita em ILA, ele não pode substituir a interação com os colegas de classe, e muito o papel do

professor, além de afirmar que a qualidade das respostas fornecidas por o ChatGPT pode ser comprometida de acordo com o *prompt*.

Por fim, Fernandes e Carvalho (2025) asseguram que o uso excessivo pode causar dependência nos usuários, limitando o desenvolvimento da habilidade de escrita. As autoras também citam Gill et al. (2024), que falava sobre a terceirização de tarefas, quando os alunos podem se “aproveitar” da ferramenta, já que a mesma gera respostas rápidas, prejudicando o pensamento crítico.

Em suma, o artigo conclui que, embora o ChatGPT seja uma ferramenta que amplie os horizontes do processo de escrita em ILA, é essencial que ele seja usado diante de uma boa orientação. As autoras reforçam a necessidade de pesquisas empíricas, em que haja a interação direta entre os estudantes e a IA em contexto real, ou seja uma “compreensão mais aprofundada de como integrar eficazmente a IA no processo de ensino e aprendizagem e de como potencializar os resultados pedagógicos por meio de seu uso consciente e estratégico.” (Fernandes; Carvalho, 2025, p.13)

O último artigo encontrado na plataforma, *Aprendendo Inglês com Prompts: Uma Experiência Interativa no Contexto do Turismo em Goiás*, desenvolvido por Karyelly Guimarães Moreira e Rafael Rodrigues Feitosa, publicado em 2025, tem como objetivo discutir a utilização de prompts como ferramenta pedagógica para o ensino da língua inglesa, levando em consideração o turismo na cidade de Goiás.

Como base teórica Moreira e Feitosa (2025) se ancoram em Kurzweil (2013) que citava os avanços tecnológicos como ferramenta que impactava a sociedade, Lightbown e Spada (2006) que defendem a necessidade de estratégias ativas para um aprendizado mais dinâmico e eficiente, e Brown (2007) e Harmer (2007), que afirmavam que compreensão oral, produção oral, leitura e escrita são habilidades essenciais para o desenvolvimento das línguas.

A escolha do tema do turismo em Goiás se justifica na importância de contextualizar o ensino a realidade dos alunos, assim como é previsto na BNCC. Trata-se de um relato de experiência desenvolvido por uma professora de inglês da rede estadual de Goiás (SEDUC-GO) e um professor do Instituto Federal Goiano (IF Goiano).

Os autores utilizaram o ChatGPT através de *prompts* em inglês que promoviam pontos turísticos em Goiás, segundo eles, os alunos podem praticar a compreensão oral ouvindo descrições sobre a Chapada dos Veadeiros, desenvolver a produção oral ao simular um diálogo sobre uma viagem a Caldas Novas, aprimorar a leitura interpretando textos sobre Pirenópolis e fortalecer a escrita ao planejar um roteiro turístico em inglês. (Moreira e Feitosa, 2025, p.3).

O artigo apresenta o ChatGPT como uma ferramenta vantajosa, pois a ferramenta pode ampliar as formas de ensinar inglês, mas necessita que os alunos saibam elaborar um prompt de forma eficiente, o papel do professor é essencial, tanto na elaboração de atividades como no acompanhamento aos estudantes.

Tal como efetuado nas demais plataformas, os resultados achados nos artigos encontrados no *Research Rabbit*, estão apresentados de forma resumida no Quadro 5.

Quadro 5 Resumo dos achados dos artigos no Research Rabbit

Autoria (Ano)	Título	Base teórica	Há uso do ChatGPT em uma atividade de ensino-aprendizagem em contexto real?	Como o artigo caracteriza ferramentas de IA, de forma geral, e o ChatGPT de forma específica?
Luisa da C. S. Gallas; Rafael Vetromille-Castro; Bruno da Silva Oliveira (2025).	O ChatGPT vai substituir os professores de línguas? Uma análise do ChatGPT na elaboração de planos de aula para ensino de línguas	Celce-Murcia (2007), que falava sobre competência comunicativa e Lopes Jr. (2015) a aprendizagem baseada em tarefas.	O artigo faz uma análise dos planos de aula gerados pelo o ChatGPT para as aulas de língua inglesa. Não há uma aplicação em contexto real de sala de aula.	O artigo é apresentado para professores, já que mostra o processo de planejamento de aulas. A visão sobre IA de forma geral é positiva, O ChatGPT é descrito como uma ferramenta de apoio nos planos de aulas, porem ao utilizarem os docentes necessitam de conhecimento prévio e ética.
Adriana A. Fernandes; Tatiana L. de Carvalho (2025).	Implicações da inteligência artificial para o desenvolvimento da proficiência escrita em inglês como língua adicional: O papel do ChatGPT	Brown e Lee (2015) e Tribble (1996), que discutiam sobre o processo complexo da escrita em ILA, e Godwin-Jones (2022), Alharbi (2023), Gill et al. (2024) e Ricart-	O artigo é uma análise bibliográfica que discute a potencialidade do uso do ChatGPT no desenvolvimento da habilidade de escrita em inglês como língua adicional.	Nesse artigo, a IA é apresentada principalmente para professores. Tanto a IA como o ChatGPT é discutido de forma positiva, mas as autoras também

		Vayá (2024) que estudavam como o ChatGPT pode contribuir para o desenvolvimento da escrita em ILA.		discutem sobre as limitações, como respostas sem embasamento teóricos, necessidade de prompts claros e a dependência que a ferramenta pode causar.
Karyelly G. Moreira; Rafael R. Feitosa (2025).	Aprendendo inglês com prompts: uma experiência interativa no contexto do turismo em goiás	Lightbown e Spada (2006) que defendem a necessidade de estratégias ativas para um aprendizado mais dinâmico e eficiente, e Brown (2007) e Harmer (2007), que afirmavam que “reading”, “writing”, “speaking” e “listening” são habilidades essenciais para o desenvolvimento das línguas.	O artigo apresenta um relato de experiência dos professores que utilizaram prompts no ChatGPT para atividades com os alunos, mas não apresenta aplicação em sala de aula.	Aqui a IA é vista como uma ferramenta de auxílio pedagógico. O ChatGPT é apresentado de forma positiva utilizado para elaborar atividades para o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas na língua inglesa.

Fonte: a autora (2026)

A análise comparativa dos artigos selecionados no *Scielo*, no Google Acadêmico, e nas plataformas de busca pela Inteligência Artificial *Semantic Scholar* e *Research Rabbit*, nos permitiu reunir várias perspectivas que são em grande parte positivas, mesmo que também apontem os desafios pedagógicos de inserir IA no contexto escolar. Embora em cada estudo analisado a fundamentação teórica seja diversa, os artigos demonstram que o ChatGPT pode ser uma ferramenta promissora pro ensino da língua inglesa.

Durante os estudos, observou-se uma lacuna em artigos que discorram sobre ChatGPT usado em contexto real no ensino da língua inglesa, apenas nos estudos de Souza (2025) e Carvalho (2025), que são mais recentes, foi apresentado estudo empírico. Apesar disso, os relatos são ainda pouco detalhados, o que evidencia a necessidade de estudos que investiguem os impactos reais.

De modo geral, o uso de ChatGPT no ensino da língua inglesa é discutido como uma possibilidade para o aprendizado autônomo e personalizado, pois a ferramenta é capaz de oferecer feedback imediato, estimulando a participação do estudante. Entretanto são preocupações de todos os estudos: as questões éticas e críticas, a dependência que essa tecnologia pode causar e a necessidade de mediação docente, reforçando que o ChatGPT é ferramenta pedagógica que deve ser utilizada a favor do professor, e que não pode substituir o docente. Ademais, é importante compreender que o uso da Inteligência Artificial no ensino da língua inglesa está em processo de discussão, sendo necessário ampliar os estudos e as investigações sobre esse tema, especialmente em experiências concretas de sala de aula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

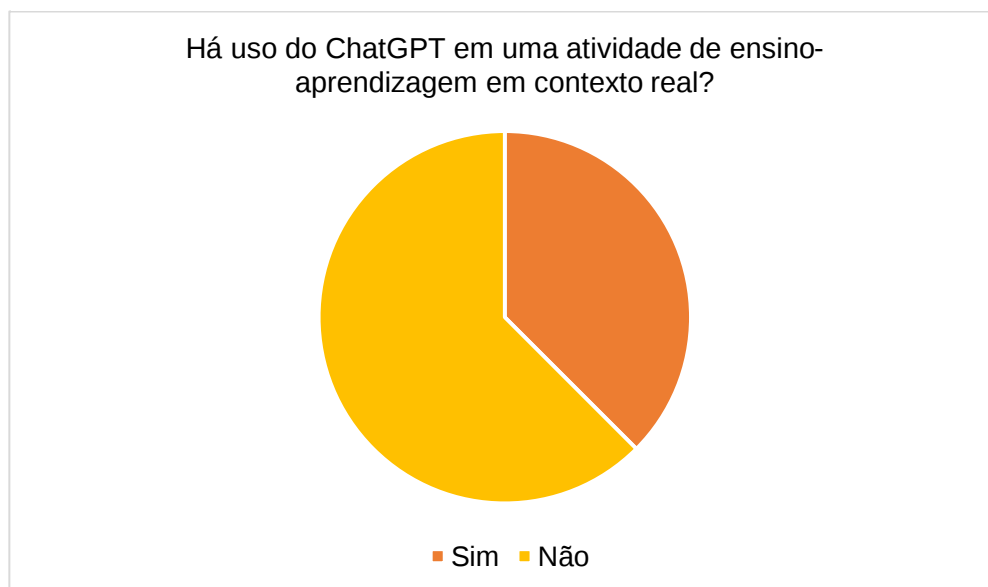
Essa pesquisa surgiu porque achamos relevante investigar como a popularização do ChatGPT e o seu uso, impactava o meio educacional especialmente o ensino e aprendizagem da língua inglesa. Levando em consideração que a Inteligência Artificial se faz cada vez mais presente em diversas áreas, no meio educacional não seria diferente, julgamos de suma importância averiguar como o ChatGPT no ensino da língua inglesa, vem sendo discutido em diferentes pesquisas.

O objetivo foi, portanto, fazer um levantamento de estudos que discutiam sobre o uso do ChatGPT no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa, entender quem é essa ferramenta de IA, como ela está sendo usada no meio educacional, e quais são os riscos e os benefícios.

A metodologia escolhida para o estudo foi de natureza qualitativa, método bibliográfico, pelo viés da revisão integrativa. Foram utilizadas as plataformas Periódico da CAPES, Scielo e Google Acadêmico, bem como as plataformas de IA *Semantic Scholar* e *Researcher Rabbit*, devido à dificuldade de encontrar estudos de acordo com o tema, a partir do recorte temporal entre 2023 a 2025, e das palavras chaves “ChatGPT”, “Ensino”, “inteligência artificial”, “língua Inglesa” ou “Inglês”. No Portal de Periódico da CAPES, foram encontrados dezessete artigos, mas nenhum atendia aos critérios, já no Scielo foi encontrado apenas um artigo, que também não atendeu aos critérios, por fim, foram encontrados dois artigos no Google Acadêmico, três no *Semantic Scholar* e três no *Researcher Rabbit*, o que totalizou oito artigos. O processo de seleção envolveu a leitura dos resumos, em que priorizamos escolher aqueles que discutissem sobre o uso do ChatGPT no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa.

Os resultados mostraram que três dos artigos trazem a descrição ou análise a partir do uso real da ferramenta ChatGPT em sala de aula, ainda que recomendem ou tragam estudos a partir dos quais o uso é incentivado. O Gráfico 1 organiza esses achados.

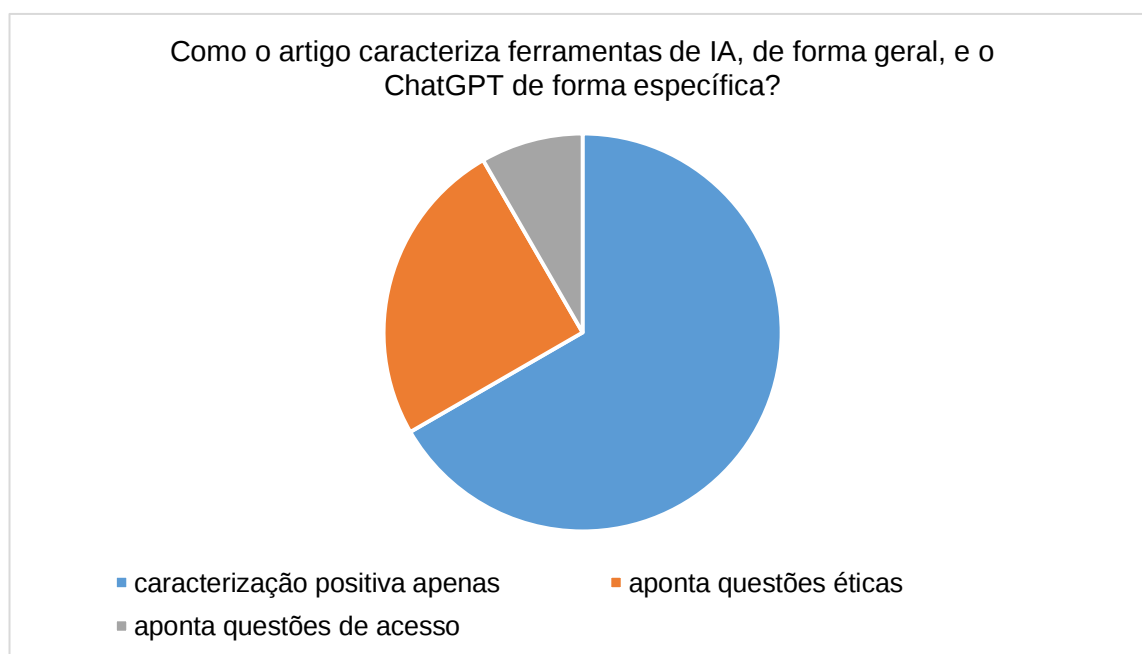
Gráfico 1 Uso real em contextos de ensino-aprendizagem



Fonte: a autora (2026)

Com relação à caracterização do uso da IA e do ChatGPT, a maioria dos lidos artigos defendem o grande potencial em utilizar o ChatGPT no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa, mas apenas três abordam questões éticas e um único artigo relativiza o uso em sala em função das questões de acesso à internet e a dispositivos tecnológicos. Esses dados estão sistematizados no Gráfico 2 abaixo.

Gráfico 2 Caracterização do uso de ChatGPT



Fonte: a autora (2026)

Observa-se ainda que nos oito artigos, as abordagens se dividiam entre recomendação de uso para professores e para alunos de língua inglesa, com maior direcionamento para professores, principalmente na etapa de planejamento de atividades, permitindo personalizar o aprendizado, ou seja, de acordo com as dificuldades de cada um aluno. Por outro lado, para os estudantes, a ferramenta era recomendada para auxiliar em atividades de escrita, oralidade, e interpretação textual.

A análise dos oito artigos escolhidos permitiu observar diferentes formas de contribuições que traz usar o ChatGPT no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa. De modo geral foi destacado a possibilidade de atividades mais dinâmicas, interativas, adaptada aos estudantes e suas necessidades, foi também destacado a autonomia que essa ferramenta proporciona, apesar de apresentar limitações, como o a falta de acesso as tecnologias digitais, o letramento necessário e a dependência que essa ferramenta pode causar, o ChatGPT aparece como um apoio ao aluno e ao professor e que usado de maneira consciente pode contribuir significativamente para o ensino da língua inglesa.

Como futuros desenvolvimentos do estudo, recomendamos pesquisas realizadas em contextos reais de sala de aula de língua inglesa, que investigue além de teorias, mas discutam pesquisas empíricas, com resultados tanto na perspectiva dos professores quanto dos alunos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Xênia de Castro; BEZERRA, Ruth Ferreira. **Breve introdução à História da Inteligência Artificial**. Jamaxi, Rio Branco, v. 4, n. 2, p. 90-97, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/4730> Acesso em: 27 fev. 2026

BETZ, Sunny. 7 Types of Artificial Intelligence. **Built In**, 19 ago. 2025. Disponível em: <https://builtin.com/artificial-intelligence/types-of-artificial-intelligence>. Acesso em: 30 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial para desenvolvimento e uso responsáveis de inteligência artificial na educação**. Brasília: Ministério da Educação, 2026.

CAMADA, Marcos Yuzuru; DURÃES, Gilvan Martins. Ensino da Inteligência Artificial na Educação Básica: um novo horizonte para as pesquisas brasileiras. SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO (SBIE). **Anais...** Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/sbie/article/view/12911> Acesso: em 24 fev. 2026

CARVALHO, Ivone Soares Leandro de. **Feelings and AI: a report of teaching in high school**. 2025. Disponível em: <https://ijet-pdvl.institutoidv.org/index.php/pdvl/article/view/298> Acesso em: 20 maio 2026

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em: <https://chatgpt.com/c/6a0de596-edd8-83e9-a8bd-1dec8270f328> Acesso em: 21 maio 2026.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). **Inteligência artificial na educação: usos, oportunidades e riscos no cenário brasileiro**. São Paulo: CGI.br, 2025. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/pt/20251124074142/estudos_setoriais-ia_na_educacao.pdf Acesso em 21 maio 2026.

FERNANDES, Adriana Almeida. Escrever com IA: o ChatGPT como aliado na escrita em inglês como língua adicional. 2025. CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO (CTRL+E). **Anais...** Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/ctrl/article/view/40525> Acesso em: 20 maio 2016

FERNANDES, Adriana Almeida; CARVALHO, Tatiana Lourenço de. Implicações da inteligência artificial para o desenvolvimento da proficiência escrita em inglês como língua adicional: o papel do ChatGPT. **Verbum**, n. 14, v. 1, pp. 31–45. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/68973> Acesso em: 20 maio 2026

FERNANDES, Luyza Tomaz; SOUZA, Valeska Virgínia Soares; DURANTE, Ana Carolina Parolini Borges. O uso do ChatGPT para o ensino e aprendizagem de língua inglesa: uma pesquisa narrativa sobre formação docente. **Caderno Seminal**, Rio de Janeiro, n. 50, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/82106/51948> Acesso em: 20 de maio de 2026

FERREIRA, Natália Bezerra Rodrigues. **A inteligência artificial no ensino de língua inglesa**: uma proposta didática com o ChatGPT na perspectiva dos multiletramentos. 2024. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras, 2024.

FLOR, Tainá de Oliveira; GONÇALVES, Antônio José da Silva; VINHOLI JÚNIOR, Airton José; TRAJANO, Valéria da Silva. Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências. In: CONGRESSO NACIONAL PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS, 6. (CONAPESC), 2021. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76913> Acesso em: 08 de abril de 2026

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf> Acesso em: 08 de abril de 2026

GALLAS, Luisa da Costa Silva; VETROMILLE-CASTRO, Rafael; OLIVEIRA, Bruno da Silva. O ChatGPT vai substituir os professores de línguas? Uma análise do ChatGPT na elaboração de planos de aula para ensino de línguas. **Revista de Estudos de Cultura**, São Cristóvão, v. 11, n. 27, p. 213–228, 2025. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/revec/article/view/22738> Acesso em: 20 de maio de 2026

GERHARDT, T. G.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806> Acesso em: 18 abril 2026

GOMES, Dennis dos Santos. Inteligência Artificial: Conceitos e Aplicações. **Revista Olhar Científico**, v. 1, n. 2, p. 234–246, 2010. Disponível em: https://www.professores.uff.br/screspo/wp-content/uploads/sites/127/2017/09/ia_intro.pdf Acesso em 25 out. 2025

GUERRA, Avaetê de Lunetta et al. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 7, 2024. Disponível em: [Revista de Gestão e Secretariado](#). Acesso em: 09 abril 2026.

KAPUŚCIŃSKI, Marcin. **Evolution of AI: From GPT-1 to GPT-4o – Key Features, Milestones, and Applications**. 11 jun. 2024. Disponível em: <https://tms.com/my/evolution-of-ai-from-gpt-1-to-gpt-4o-key-features-milestones-and-applications/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

MARR, Bernard. **A short history of ChatGPT: how we got to where we are today**. Forbes, 19 maio 2023. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/bernardmarr/2023/05/19/a-short-history-of-chatgpt-how-we-got-to-where-we-are-today/>. Acesso em: 04 fev. 2026.

MATTOS, Paulo Carlos. **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Agrônômicas, Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos, 2015. Disponível em: https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf?utm_source=chatgpt.com Acesso em: 18 abril 2026

MENDES, Joelma de Fátima; BASTOS, Ana Maria de Matos Ferreira; LOPES, Natália Moura. As tecnologias digitais na educação: uma análise da legislação brasileira. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 22, p. 1-27, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2024v22e61532>. Acesso em: 27 fev. 2026.

MOREIRA, Karyelly Guimarães; FEITOSA, Rafael Rodrigues. Aprendendo inglês com prompts: uma experiência interativa no contexto do turismo em Goiás. **Revista Educação Em Contexto**, v. 4, n. 1, p. 257-266. Disponível em: <https://revistaseduc.educacao.go.gov.br/index.php/rec/article/view/243> Acesso em 20 maio 2026

OPENAI. **Apresentamos o GPT-5**. OpenAI. 07 ago. 2025. Disponível em: <https://openai.com/pt-BR/index/introducing-gpt-5/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

MEKARI, Danilo. Linha do tempo: história da inteligência artificial na educação. **Porvir Educação**. 8 maio 2023. Disponível em: <https://porvir.org/linha-do-tempo-historia-da-inteligencia-artificial-na-educacao/>. Acesso em: 24 out. 2025.

RAMOS, Inara Mesquita; FARIA, Caio Veiga. Inteligência artificial: história, tipologia e aplicações. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 12, p. 1-10, 2024. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/inteligencia-artificial-historia-tipologia-e-aplicacoes>. Acesso em: 30 out. 2025.

SANTOS, Ana Cristina de Souza et al. ChatGPT como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de habilidades práticas na língua inglesa. **Revista FT**, v. 29, ed. 140, nov. 2024. Disponível em: https://revistaft.com.br/chatgpt-como-ferramenta-pedagogica-para-o-desenvolvimento-de-habilidades-praticas-na-lingua-inglesa/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 18 maio 2026.

SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência Artificial e Sociedade: Avanços e Riscos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 35, n. 101, p. 37–49, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/c4sqqrthGMS3ngdBhGWtKhh/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 30 out. 2025

SILVA, Pedro; VICENTIN, Diego. O que se sabe sobre o Chat GPT? Uma revisão bibliográfica sobre a última sensação no campo das tecnologias de Inteligência Artificial. XXXII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP. **Anais...** 2024. Disponível em: <https://sistemas-prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2024P23332A39854O5714.pdf> Acesso em: 25 out. 2025

SOUZA, Samuel Nazareth. A inteligência artificial e a autonomia do aluno no ensino de língua inglesa na escola pública. **Revista Ponto De Vista** v. 14, Ed. Esp. n. 2, 2025. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/a-inteligencia-artificial-e-a-autonomia-do-aluno-no-ensino-jhxlkv8lzt85.pdf> Acesso: em 20 maio 2026

VILLARINHO, Juliana. GPT-4, GPT-4o e GPT-4o Mini: saiba a diferença entre modelos de IA e softwares. **TechTudo**, 2024. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/guia/2024/09/gpt-4-gpt-4o-e-gpt-4o-mini-saiba-a-diferenca-entre-modelos-de-ia-edsoftwares.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2026.